



ZELIO VALVERDE

LIVREIRO-EDITOR

LIVROS EM GERAL

ESPECIALIDADE

RARIDADES E OBRAS MODERNAS SOBRE  
BRASIL - DIREITO - LITERATURA

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

TELEFONE 23-1268

CAIXA POSTAL 2956

RIO

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









OS MINEIROS

DA

# DESGRAÇA

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

QUINTINO BOCAUYVA



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

1862.





OS MINEIROS

DA

DESGRAÇA



OS MINEIROS

DA

# DESGRAÇA

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

QUINTINO BOCAYUVA

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO GYMNASIO PELA  
COMPANHIA DRAMATICA NACIONAL

A 18 DE JULHO DE 1861



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO



1862.



A

MANUEL BAPTISTA DA CRUZ TAMANDARÉ



## PERSONAGENS,



João Vieira, negociante.

Elvira, sua filha.

Paulo, seu guarda livros.

Venancio, usurario.

Vidal, idem.

Mauricio, jornalista.

Ernesto.

Jorge.

Maria }  
Olympia } mulheres casadas.

O conselheiro.

Um sujeito.

Uma pobre.

Meirinhos, convidados, etc.







# OS MINEIROS

DA

## DESGRAÇA

---

### ACTO I.

sala de escriptorio, decentemente mobiliada, em casa de João Vieira.



### **Scena I.**

JOÃO VIEIRA E PAULO.

JOÃO VIEIRA.

Meu amigo, é com as lagrimas nos olhos que lhe annuncio esta desgraça. Ha dez annos que me acompanha e que me tem auxiliado com seu trabalho e suas luzes. Sabe perfeitamente que não foram especulações audazes, nem dissipações criminosas as que originaram esta quebra.

PAULO.

E' tambem com lagrimas que eu lhe respondo. A ruina de sua casa compunge-me tanto quanto a injustiça de sua opinião a meu respeito.

JOÃO VIEIRA.

Como assim!

PAULO.

Eu era o ultimo empregado de sua casa que lhe merecesse uma despedida tão cruel. Ha dez annos que o acompanho com a fidelidade de um filho e a estima de um amigo.

JOÃO VIEIRA.

Oh! pelo amor de Deos, não me faça esta injustiça. Mas, em que podem aproveitar mais os seus serviços e a sua lealdade a um negociante arruinado no fim da sua vida, e que não tarda entregar os bens que lhe restam aos credores impacientes?

PAULO.

Mas eu tinha o direito de acompanhá-lo em sua desgraça, como o acompanhei na sua fortuna.

JOÃO VIEIRA.

Sim e tem mesmo muito em que me auxilie. Esta desgraça; não me peza pelas privações a que me condemna e pela vergonha de que me cobre. Peza-me por minha filha, pobre orphã, a quem sua mãe; amára tanto! e que além da miseria vai talvez, em breve, ficar privada do seu unico amparo.

PAULO.

Pobre moça!

JOÃO VIEIRA.

Sim; desgraçada, porque encontrou um máo pai, sim, um velho tonto que não soube aproveitar o tempo da sua fortuna para casa-la convenientemente, dando-lhe um esposo de sua escolha e que a fizesse duplamente feliz pelo amor e pela protecção.

PAULO.

E penson nisso alguma vez, meu amigo?

JOÃO VIEIRA.

Muitas. Para dizer-lhe a verdade, eu já o havia escolhido. Um no-

bre e dedicado mancebo que podia fazer a sua ventura. mas a quem minha actual desgraça, minha dignidade impedem-me de deixar-lhe suspeitar, se quer, que eu tive tal desejo !

Até logo, meu amigo. Necessito fallar a alguns dos meus credores. Se antes que eu volte vier alguém reclamar o pagamento de alguma letra, tenha a bondade de dizer-lhe que eu já volto. (*Sahe*)

PAULO.

E' um amigo de infancia. um homem que eu considerava meu pai, quem esmaga de um só golpe as mais caras esperanças da minha vida ! Durante dez annos de uma dedicação sem limites, se teve alguma vez um pensamento para mim. foi um pensamento de protecção, naturalmente, nunca de carinho paternal ! Achou-me, talvez, pequeno para ambicionar a mão de sua filha. Sonhava talvez outras grandezas e deixou comtudo. que na doce intimidade da familia, meu coração se alentasse com uma falsa esperança ! Pois bem, hei de apparecer-lhe grande algum dia. Não grande na opulencia e no orgulho, mas soberbo na piedade de um affecto ennobrecido pela injuria que não mereceu !

## Scena II.

PAULO E VENANCIO.

VENANCIO. *Entrando afflicto e irritado.*

O Sr. João Vieira ?

PAULO.

Sahio, mas não tarda, Sr. Venancio.

VENANCIO.

Preciso fallar-lhe com urgencia.

PAULO.

Já lhe disse que sahio.

VENANCIO.

Aposto que está escondido e que recusa fallar aos seus credores.

PAULO.

O Sr. Venancio está fóra de si. Insulta a dous homens honestos,

VENANCIO.

Honesto! Que idéa faz o Sr. Paulo da honestidade?

PAULO.

Uma idéa incomprehensivel para os honreus como o senhor que vêm sobre o sepulcro de uma probidade arruinada cuspir a injuria e o insulto.

VENANCIO.

Sr. Paulo, para mim e para toda a praça, honesto é o homem que paga em dia as suas dívidas e não deixa protestar as suas letras. O Sr. João Vieira já foi honesto.

PAULO.

Sr. Venancio, mais uma palavra... e pôde custar-lhe caro o seu desetabaraço.

VENANCIO.

Muito bem! Assuste-me, se lhe parece, meu amiguinho. Na casa do devedor de má fé entra o credor enganado. Traz por si o direito, a lei, a justiça e ainda em cima é ameaçado! Em que paiz julga viver o senhor?

PAULO.

Sei que infelizmente vivo n'um paiz onde a frequencia das desgraças domesticas fez dos homens como o senhor, utilidades sociaes. Onde a imprevidencia de uns, a vaidade de outros, o erro destes e a injuria daquelles arrasta até os outros da nuzura as victimas que desfallecem nos antros da miseria.

VENANCIO.

Julga-nos mal, meu amiguinho e se alguma vez precisar, recorra a mim que ha de encontrar-me. O Sr. Paulo tem idéas bem exquisitas! O que seria da desgraça se não fossemos eu e outros? Onde o amparo da viuvez e da orphandade? Onde o allivio da pobreza? Onde a providencia das pequenas industrias e negocios a quem socorremos com os capitães necessarios? Onde a probidade do devedor no dia

veis se não fosse a protecção que lhes dispensamos á tempo e á hora?

PAULO.

O senhor faz-me rir, não me irrita Sr. Venancio.

Eu sei que pela sua boca falla a pervertida philosophia deste seculo de cobre. Eu sei que não só as leis, como a moral social destes tempos, prestam-lhe o apoio de uma autoridade valiosa. Mas eu que ainda tenho fé na consciencia humana, que não resgate das culpas pelo christianismo vejo o prognostico do resgate futuro da miseria humana, digo-lhe sem reboço que a sua profissão é uma maldade, que o seu emprego é um crime, que a sua moral é perversa e que o seu direito é um flagello.

Em resumo, Sr. Venancio, sei ao que vem. O Sr. João Vieira não póde tardar. Logo que chegue dir-lhe-ha elle proprio que foi ao tribunal competente requerer a abertura de sua fallencia.

VENANCIO.

O que me diz Sr. Paulo ?!

PAULO.

A verdade. Como homem de bem appella para a justiça e entrega á apreciação dos magistrados o julgamento de sua conducta.

VENANCIO.

Mais uma velhacaria! A ultima!

PAULO.

Sr. Venancio, retire-se já desta casa.

VENANCIO.

Estou prompto a feze-lo, meu amigo, pague-me. Aqui estão as letras já protestadas. O Sr. Vieira quer além disso pregar-me o mono de um rateio barato, mas engana-se. Ou pague-me neste instante, ou saio e volto a penhorar-lhe os bens.

PAULO.

O senhor é um mi-cravelatum de almeido!

VENANCIO. *Mudando de tom.*

Oh! Sr. Paulo, vejo-o tão queimado neste negocio, tomando tanto as dôres pelo Sr. Vieira, que...

PAULO.

Acabe.

VENANCIO.

Que me parece ser o melhor amigo do Sr. Vieira. Eu tambem não sou tão máo como me julga. Já fui amigo desse pobre homem, e estou prompto ainda a favorece-lo. Demais, uma obra de caridade satisfaz a consciencia; nós ambos somos seus amigos, vamos pois cuidar de um arranjo que o salve.

PAULO.

Isso é outro sentir, Sr. Venancio; faça alguma cousa nesse sentido e conte com a minha gratidão.

VENANCIO.

Assim como assim, estas letras estão vencidas e protestadas. Penhorar-lhe os bens que lhe rostam, isso é duro, concordo; sei quanto dóe a perda de um bem. Olhe, o senhor, se quizesse, podia prestar nestê negocio ao seu amigo João Vieira um sorviço immenso!

PAULO.

Falle, Sr. Venancio, estou prompto para todos os sacrificios.

VENANCIO.

Muito bem. Dou-lhe uma longa espera... não duvido mesmo fazer-lhe alguns adiantamentos... o futuro é de Deos e Deos é o pai de todos.

PAULO.

Vamos, depressa, Sr. Venancio.

VENANCIO.

O senhor tem um tio, não é verdade?

PAULO.

É exacto.

VENANCIO.

Já velho, não é também verdade?

PAULO.

Sim, velho.

VENANCIO.

E que não está mal de fortuna, tem alguma cousa. O senhor é seu unico herdeiro.

PAULO.

Não sei.

VENANCIO.

Eu sei. Por consequencia não ha de gostar de que elle seja sabedor de seus sacrificios em bem de estranhos. Ha de julgar isso uma rapaziada, póde perder-lhe a confiança, e....

PAULO.

E que mais?

VENANCIO.

Eu sou um homem de segredo. O senhor assigna-me umas letrinhas a vencer-se sobre a sua herança. Dou-lhe um premio razoavel, por ser seu amigo. Olhe, o dinheiro está caro; as melhores firmas tiram-no a 4 % ao mez. Eu dou-lhe a 10, capitalizando o premio de mez a mez, e largo prazo, serve-lhe? O senhor resgata as letras de seu amigo; faz-lhe presente dellas; faz uma linda figura; elle póde ainda ficar rico, o senhor pede-lhe a mão de sua filha, fica feliz, fa-lo feliz, a elle, a ella, a mim, a todos.

PAULO.

Assim, o Sr Venancio presta-se a fazer-me um obsequio. E' uma protecção que apenas me custará 10 % ao mez...

VENANCIO.

Nem mais um real; garanto-lhe. E note que não lhe peço endosso.

PAULO.

Adianta-me uns tantos contos de réis sobre a exploração de uma morte proxima.

VENANCIO.

Oh ! elle está gozando de muito boa saude.

PAULO.

Faz de um sepulcro um balcão e sobre elle estabelece o agio de uma fortuna provavel e de uma honra perdida.

VENANCIO.

Ah !ahi vem já o senhor com as suas philosophias. O senhor parece bacharel.

PAULO.

Não me serve o seu negocio, Sr. Venancio.

VENANCIO. *Admirado.*

Não lhe serve ! Pois olhe, nenhum amigo meu ajuda se benzen com uma proposta tão doce.

PAULO.

Se não tem mais nadã a propor, pôde retirar-se

VENANCIO.

Então é sempre certo !

PAULO.

Certo o que ?

VENANCIO.

Que me fazem perder o meu dinheiro, o fructo de meu suor, o meu sangue !

PAULO.

O rateio lhe dirá depois.

VENANCIO.

Qual rateio, Sr. Paulo ! Então pensa que me hei de deixar bigodear por um devedor de má fé, um...

PAULO.

Não acabe !



VENANCIO.

Tem razão. Estou a perder inutilmente um tempo precioso. Até logo, Sr. Paulo.

PAULO.

Até depois.

VENANCIO.

Até logo, Sr. Paulo!

PAULO.

Já o despedi.

VENANCIO.

Ha de arrepender-se! Não de arrepender-se! (*Sahe.*)

### Scena III.

PAULO. *Só.*

Que miserias, meu Deos! Que infamias! Sinto-me acabrunhado, Vejo o futuro esvaecer-se a meus olhos como uma sombra, e soffro sem ter allivio!

### Scena IV.

PAULO E ELVIRA.

ELVIRA.

Meu pai já veio, Sr. Paulo?

PAULO.

Ainda não, minha senhora.

ELVIRA.

Sahio tão afflicto!

PAULO.

Não póde tardar.

ELVIRA.

O senhor estava só ?

PAULO.

Só.

ELVIRA.

Onvi-o fallar tão alto...

PAULO.

Foi ha pouco.

ELVIRA.

E ainda agora me parece tão commovido...

PAULO.

Penho razão para isso. Sabe que seu pai me despediu.

ELVIRA. *Sobresaltada.*

Meu Deos ? E porque ?

PAULO.

Não lhe contou ainda a sua desgraça ?

ELVIRA.

Meu pai está cofrendo ?

PAULO.

Coitado! falta-lhe talvez o animo.

ELVIRA.

Mas o que foi ?

PAULO.

Está arruinado. Os negocios correram-lhe mal e vô-se obrigado a entregar o que lhe resta aos credores.

ELVIRA.

Coitado de meu pai. Sinto por elle, que já está velho e a quem

este golpe vai acabrunhar. Não por mim, Sr. Paulo, sabe que a pobreza não me assusta. Tenho mãos; trabalharei para elle. Tomarei meninas para ensinar. Procurarei costuras. E foi por isso que elle o despedio?

PAULO.

Foi.

ELVIRA.

Comprehendo; seus serviços não lhe são mais necessarios.

PAULO.

Nem a minha amizade.

ELVIRA.

Oh! isso não! Elle estima-o tanto!

PAULO.

Tanto! que nos vai separar! E essa separação custa-me, oomo se tornasse a perder hoje minha mãe. Tinha-me habituado a ser feliz a seu lado, e ser feliz é tão bom!

ELVIRA.

Não augmente minha dôr. Eu tambem tinha-me habituado a estima-lo tanto! tanto! Eramos irmãos. Creseemos juntos, por assim dizer, somos companheiros ha tantos annos, que nem eu sei como supportarei esta desgraça.

PAULO.

Assegura-me que soffrerá com isso?

ELVIRA.

E ainda o duvida?

PAULO.

Não duvido, receio. Ha um ditado que diz:—longe dos olhos, longe do coração.— E eu tenho tanto medo das ausencias! Olhe, não tome para si o que lhe vou dizer, mas o coração humano é tão fraco.... No

primeiro dia da separação, falla a saudade, amarga, viva, punjente. A distancia é um obstaculo que irrita, a ausencia uma agonia que nada pôde acalmar! O coração ancia, luta, desespera, mas não quer deses- perar. Protesta com sua dôr contra a crueldade do destino e intenta applica-lo com suas lagrimas. Os sonhos do futuro conjuram a cora- gem e evocam a fidelidade, a constancia, para que lutem por elles. Depois, a dôr cede ao cançasso; depois vem a lembrança, triste ainda, mas resignada; depois vem outras idéas, outros sentimentos, outras distracções e a imagem das primeiras recordações vai-se apa- gando como um quadro que se esvacece! Oh! é então que o esqueci- mento penetra n'alma. Não o chamam pelo seu verdadeiro nome, não. Chamam-lhe desengano, quando é ingratição! Dizem-no resignação, quando é a frieza, o olvido, a morte que risca da memoria do coração o objecto da primeira saudade! Oh! é triste!

ELVIRA.

Mas isso não acontecerá, faz uma injuria immerecida á sinceridade de meus sentimentos.

PAULO.

Depois; quem sabe! Seu pai já me fallou em um noivo que lho des- tinava, que será de certo seu marido.

ELVIRA. *Vivamente.*

Não; meu pai é bom; é santo; não me consultou ainda, não é capaz de violentar-me, porque elle me ama e só aspira a minha felicidade. Elle não lhe podia ter fallado em um noivo; não o entendeu, não é possível, porque eu rejeito...

PAULO.

Elvira, posso trata-la assim, não é verdade? Olhe, juro-lhe que só pensei uma vez em casar-me, e a noiva que meu coração escolheu faria a felicidade de toda a minha vida! Entretanto nunca lhe disse, uma vez sequer—eu a amo! Amo-a, porque este amor é a minha exis- tencia, o penhor de minha fé em Deos e o laço que me liga a todos os deveres de homem e de cidadão! Não me desampare, porque mor- rerei; não me esqueça, porque esse esquecimento será a condemnação

de minha alma ; não me prefira por um outro, porque essa preferencia será a blasphemia que me tornará reprobó á sociedade e á religião. Nunca lhe disse nada. Ella ignora tudo, se é que não leu já em meus olhos a inspiração que me agita.

ELVIRA.

E ella tambem o ama, Paulo ?

PAULO.

Não sei, e esta ignorancia é que me mata. Olhe, Elvira, minha irmã pelo coração, diga-me se estivesse no lugar dessa moça, acharia ousada a minha ambição, era capaz de perdoar-me o impulso de uma fraqueza quando soubesse que era o idolo de meu amor ?

ELVIRA.

Não sei o que lhe diria, sei sómente que quem quer que ella seja, Paulo, é bem feliz por ter merecido a sua estima, mais feliz do que eu, que, na incerteza do futuro, não tenho mais um sonho que me fale n'alma !

PAULO.

Não ha de ser assim, Elvira, porque essa santa moça que eu escolhi para minha noiva... és...

ELVIRA.

Paulo ! Ahi chega meu pai.

### Scena V.

OS MESMOS E JOÃO VIEIRA.

JOÃO VIEIRA.

Minha filha.

ELVIRA.

Meu pai.

JOÃO VIEIRA.

Tenho a pedir-te um perdão. Arruinei, sem querer, o teu futuro e aniquilei a tua tranquillidade.

ELVIRA.

Não pôde ser, meu pai, amou-me sempre tanto que isso não é possível. Se algum desgraça nos fere, resignemo-nos, mas não desesperemos.

JOÃO VIEIRA.

Posso dar-te o testemunho de um homem honrado, de um amigo verdadeiro, de Paulo, que bem sabe que não foram loucuras minhas as que me arrastaram á penuria.

ELVIRA.

Paulo, anime-o tambem; diga-lhe que o futuro é nosso e que Deus não se esquece nunca dos filhos que o adoram.

## Scena VI.

### OS MESMOS E VENANCIO COM OS MEIRINHOS.

UM MEIRINHO.

O Sr. João Vieira?

JOÃO VIEIRA.

Sou eu.

ELVIRA. *Para Paulo.*

Meu Deus! que homens são estes?

PAULO.

São os instrumentos da justiça humana ao serviço dos mineiros da desgraça! São os agentes da lei e do direito, que exalçam o triumpho da maldade sobre as ruinas da virtude em desgraça.

JOÃO VIEIRA.

Podem arrolar os bens.

PAULO. *Para Venancio.*

O senhor é um infame!

VENANCIO.

Tenha paciencia, meu amigo. mas a lei protege-me e os direitos são sagrados.

JOÃO VIEIRA.

Nem mais uma palavra, Sr. Venancio, devo-lhe, pago-lhe.

### Scena VII.

OS MESMOS E PEDRO VIDAL.

PEDRO VIDAL.

Então que é isto?

VENANCIO.

Meu amigo, como tem passado.

PAULO.

Ah! Sr. Vidal, o senhor é um homem rico, caridoso de certo. A desgraça entrou nesta casa e para insultar a pobreza veio a maldade de um credor usurario trazer a ignominia de presente á vergonha.

PEDRO VIDAL.

Quem ousou assim insultar o meu bom amigo João Vieira?

\*  
VENANCIO.

Era uma continha que tinhamos a ajustar.

PEDRO VIDAL.

E's um vil usurario, Venancio; um desgraçado que não compre-

hendes a grandeza d'alma de um credor honrado. E's um miseravel.

VENANCIO.

Então que é isto, é a mim que chamas de usurario?

PEDRO VIDAL.

Sim e retira-te. Eu fico responsavel pelas dividas deste velho honrado. Não viste ao menos que essa pobre e singela moça tinha o coração despedaçado ?

VENANCIO.

Isso agora, é outro caso. Ficas com as letras ?

PEDRO VIDAL.

Com todas quantas tenhas. Sabes que posso comprar a ouro todas as tuas dividas.

VENANCIO.

Nesse caso, até logo; queiram retirar-se meus senhores, até outra vez.

JOÃO VIEIRA.

Meu amigo !

PAULO.

Sr. Vidal ; é um homeni de bem !

ELVIRA.

Eu lhe agradeço com lagrimas a salvação de meu pai. (*Curvam-se todos ante Vidal.*)

PEDRO VIDAL.

Como é bom ser bom !

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



# OS MINEIROS

DA

# DESGRAÇA

---

## ACTO II.

Sala em casa de João Vieira.

— 101 —

### Scena I.

PAULO E ELVIRA.

PAULO, *Junto a uma mesa onde estão jor-*  
*nas.*)

Tem tido muitas afeições em sua vida, Elvira?

ELVIRA:

Tres apenas.

PAULO.

Não é muito, nem é pouco. Pode-me dizer quaes ellas foram?

ELVIRA.

Minha mai, meu pai e . . .

PAULO.

E quem mais?

ELVIRA.

Ninguém. Não sabe?

PAULO

Quero adivinhar.

ELVIRA.

Ah! sou capaz de dizer-lhe que tenho mais uma.

PAULO.

Qual!

ELVIRA,

A estima que nutro pelo Sr. Vidal. Foi elle quem salvou meu pai, daquella affronta e quem o tem ajudado depois disso.

PAULO.

E' exacto.

ELVIRA.

Não diziam do Sr. Vidal que era um máo homem; interesseiro, usurario, coração de pedra? Eu propria quasi que lhe tinha horror. No entanto estimo-o já.

PAULO.

Isto serve, Elvira, para ensinar-nos a não descrer-mos nunca da Providencia, nem a fazer-mos juizos prévios contra a bondade dos outros.

ELVIRA.

Olhe o Sr. Venancio. Fazia-se tão nosso amigo, estava sempre com meu pai, offerencia-lhe tudo e ao cabo portou-se como um máo homem.

PAULO.

Isto serve tambem, Elvira, para não sermos faceis em acreditar na sinceridade de sentimentos que não nos foram manifestados por provas bem reaes. Neste mundo ha bons e máos. Os bons para serem amados, os máos para serem execrados. Uns que servem a seus irmãos compensando com a caridade a misericordia de Deos, outros que abusam da clemencia divina para se constituirem o flagello de seus semelhantes. O Sr. Venancio é destes ultimos e o Sr. Vidal . . . será daquelles.

ELVIRA.

Disse isso de um modo que . . .

PAULO.

Ficou-me querendo mal ?

ELVIRA.

Não; mas parecendo duvidoso. (*Levanta-se.*)

PAULO.

Não. Fôra uma ingratidão. Mas todas as cousas neste mundo, Elvira, têm duas faces: uma que se vê, outra que se não vê; uma que brilha aos olhos, outra que fica occulta no coração. A intenção nem sempre se revela pelo acto externo e nem sempre a pureza dos actos serve para attestar a pureza do secreto designio.

ELVIRA.

Seja, mas o que não póde negar é que o Sr. Vidal foi generoso, desinteressado, magnanimo. É tão bonito o homem que protege a desgraça !

PAULO.

E por isso estima-o já, não é verdade? Olhe Elvira, se elle fosse moço tinha-me feito seu invejoso.

ELVIRA.

Porque ?

PAULO.

Porque já tenho ciumes da sua afeição por elle.

ELVIRA.

Faz mal.

PAULO.

Eu sei que a bondade é o mais curto caminho para a conquista dos corações, e, teria ciumes de que elle me roubasse o seu.

ELVIRA.

E acha isso possível ?

PAULO.

Não.

ELVIRA.

Pois peça perdão pela injuria.

PAULO.

Far-me-hei culpado só para merecer-lhe o perdão.

## Scena II.

OS MESMOS, JOÃO VIEIRA E VIDAL.

ELVIRA.

Meu pai ! Sr. Vidal !...

VIDAL.

Como está, minha menina ?

JOÃO VIEIRA. *A Paulo.*

Vá, trate-me deste negocio, que preciso hoje mesmo de uma decisão. Elvira, deixa-nos sós, que temos contas a fazer.

VIDAL.

Nada, nada. Deixe ficar a nossa Elvira : estou habituado ás contas e nunca desfalquei a algibeira com um engano.

ELVIRA.

Obrigada, Sr. Vidal ; as ordens de meu pai nunca me contrariam. Demais, tenho que fazer.

VIDAL.

Não, não, já disse ; fique, não nos incommoda.

ELVIRA.

Eu já volto. (*Sahe.*)

### Scena III.

JOAO VIEIRA E VIDAL.

VIDAL.

João Vieira, sabes que sou teu amigo?

JOÃO VIEIRA.

Sei.

VIDAL.

Pois quero dar-te um conselho e passar-te uma reprehensão.

JOÃO VIEIRA.

Aceito o conselho. Mas porque a reprehensão ?

VIDAL.

Porque és um homem velho, mas sem juízo.

JOÃO VIEIRA.

Engana-se ; vou mostrar-lhe os meus livros e verá que não dei causa á minha ruina.

VIDAL.

Não é disso que eu quero fallar.

JOÃO VIEIRA.

Então a que se refere?

VIDAL.

Depois t'ó direi. (*Pequena pausa.*) Este rapaz que daqui sahio é teu filho?

JOÃO VIEIRA.

Não; é meu guarda livros; meu intimo amigo, posso dize-lo meu filho, porque estima-me como se eu fosse seu pai.

VIDAL.

E's uma criança. Tu o estimas muito?

JOÃO VIEIRA.

Muito.

VIDAL.

Tens toda a confiança nelle?

JOÃO VIEIRA.

Toda.

VIDAL.

Quererias fazer a sua fortuna, estabelece-lo bem?

JOÃO VIEIRA.

Se eu pudesse, sem duvida que sim.

VIDAL.

Pois tu podes.

JOÃO VIEIRA

De que maneira?

VIDAL.

Ah! tinha a fazer-te uma advertencia e já me lá esquecendo. Preveniste aos teus principaes credores que viessem hoje receber as suas contas?

JOÃO VIEIRA.

Preveni, e elles não podem tardar.

VIDAL.

Sabes o que me disseram alguns?

JOÃO VIEIRA.

Não.

VIDAL.

Disseram-me que... homem! falla-me com franqueza... tens toda a confiança nesse rapaz, nesse teu guarda livros?

JOÃO VIEIRA.

Toda. Porque?

VIDAL.

Por nada. Ando precisado de um moço como elle. E havia de fazer fortuna! Olé! se fazia! Meu irmão está no Rio-Grande, mas meu irmão não serve para aquillo. Um rapaz intelligente, de confiança, assim como Paulo, é que me servia. Quererá elle ir para lá?

JOÃO VIEIRA.

Não sei.

VIDAL.

Assim como assim, tu não precisas d'elle. Para que diabo has de tu continuar com o negocio? Em minha opinião, deves liquidar tua casa. Já estás velho, precisas descanso, tens uma filha que já é moça e que já póde ser uma dona de casa. Eu tenho em S. Christovão uma charinha, dou-t'a para Moraes nella, pago todas as tuas duvidas, e... podes ser feliz, podes mesmo fazer fortuna, eu te ajudarei, e demais,

se não é hoje é amanhã, precisas casar tua filha. Podes faltar-lhe de um momento para outro, e...

JOÃO VIEIRA.

Tenho pensado nisso.

VIDAL.

Sim? Já vês. A' proposito, e isto fique aqui entre nós, fazes mal em deixar tua filha só na companhia de Paulo.

JOÃO VIEIRA.

Porque? Paulo é um moço honrado e nobre. Ha dez annos que vive em minha casa e nunca me deu lugar a suspeitar sequer que elle fosse capaz de uma infamia.

VIDAL.

Homem! a virtude não é o que parece ser virtude. Além disso, a occasião é que faz o ladrão. Sei bem que Paulo é honrado, tanto que o estimo e desejo fazer-lhe carreira, mas o mundo, o mundo não olha bem para essas facilidades... Tem-se visto cousas... e... queres saber quanto aprecio as qualidades desse mancebo, olha, não duvido dar-lhe uma sociedadezinha se elle quizer ir para o Rio-Grande.

#### **Scena IV.**

OS MESMOS E PAULO.

PAULO.

Aqui estão os papéis.

JOÃO VIEIRA.

Eu vou ao escriptorio e já volto.



**Scena V.**

VIDAL E PAULO.

VIDAL.

Sr. Paulo, fallavamos a seu respeito.

PAULO.

Em mim ?

VIDAL.

Sim, a seu respeito. O senhor é moço, trabalhador, honesto, deve fazer carreira e tratar de ajuntar o seu peculio. Em minha opinião o senhor deve abandonar o Rio de Janeiro. O commercio aqui está cheio de mais. As casas regorgitam de empregados. Ha de-lhe ser difficil achar um arranjo. Demais a côrte é um abysmo, meu amigo. As seducções, os theatros, os bailes, as mulheres, tudo cõcorre para perverter o espirito da mocidade que se habitua ás cousas frivolas, á ociosidade, etc., etc. Sei bem que o senhor é um moço que faz excepção desses peralvilhos *petimetres* que por ahi andam a trocar as pernas pela rua do Ouvidor, mas olhe o senhor mesmo, contra sua vontade, talvez adquirio certos habitos que lhe ha de custar a deixar.

PAULO.

Póde ser, mas estou resolvido, Sr. Vidal, a lutar pela vida mesmo aqui na côrte. Tenho razões para isso.

VIDAL.

Faz mal, meu amigo, faz mal. Agora mesmo acabava eu de consultar o seu amigo a respeito de um bom negocio. Era um arranjo-sinho que eu lhe fazia. Tres contos por anno de ordenado segurissimo; sociedade nos lucros que lhe podem render, assim como uns quatro contos mais, o que tudo junto faz sete contos annuaes, uma excellente renda para um moço solteiro e uma bella posição, uma excellente posição! Mas não lhe serve... não lhe serve. O negocio é no Rio-Grande, e, como o senhor não quer sahir da côrte, não póde ser. Ficará para outro : não faltará quem queira ; o senhor é orgulhoso.

PAULO.

Sr. Vidal, a protecção dos homens bons, não me humilha, exalta-me, porque é o testemunho de algum merito da minha parte. Se me falla de um negocio sério, peço-lhe algum tempo para reflectir. E' possível, é provavel até que dentro de pouco tempo eu me utilise do seu favor e venha a dever-lhe a minha felicidade.

VIDAL.

Estimarei muito, meu amiguinho, estimarei muito.

PAULO.

Sr. Vidal, quero confiar-lhe um segredo e pedir-lhe um serviço.

VIDAL.

Falle, falle.

PAULO.

Amo á uma donzella e desejo casar-me. Se consigo a realização deste sonho e se o senhor concorre para isso, disponha sem condições dos meus serviços e da minha vida. O seu generoso proceder para com o meu velho amigo indica-me que seu coração é tão nobre, como é magnanimo o seu cavalheirismo.

VIDAL.

Então, quer casar-se? Veja bem o que faz. E quem é a moça?

PAULO.

Elvira.

VIDAL.

A filha de seu amo!

PAULO.

De meu amigo, Sr. Vidal!

VIDAL.

Quero dizer, esta menina filha de João Vieira?

PAULO.

Ella.

VIDAL.

O senhor é um moço infeliz e digno de melhor sorte.

PAULO.

Porque ? Sr. Vidal.

VIDAL.

Porque teve a desgraça de dedicar o seu amor justamente áquella que tinha de não pertencer-lhe.

PAULO.

Como assim !

VIDAL.

E' uma desgraça ; imagino que ha de soffrer muito, mas tenha coragem. O homem nasceu para lutar com as contrariedades. Essa moça já está promettida e ainda ha pouco fallava-me seu pai ácerca desse negocio. Olhe, quem faz o dote da noiva, sou eu.

PAULO.

Sr. Vidal ; diga-me que não estou sonhando. Essa moça, e eu confio de sua honra este segredo, não póde pertencer a outro, porque me ama tambem, porque assegurou-me que nunca pertenceria a outrem por sua vontade.

VIDAL.

Oh ! meu amigo, diga-me agora tambem que eu não estou sonhando. Nunca ouvio dizer ao Vieira que pensava em casar sua filha ?

PAULO.

Sim ; fallou-me até n'um noivo, mas ella jurou-me que seu pai não a faria infeliz casando-a contra a sua vontade.

VIDAL.

Esta agora é melhor ! veja o que eu lhe dizia Sr. Paulo, a côrte, as

mulheres... Como é pois que ainda ha pouco, nesta mesma sala, deu ella o seu consentimento, livre, espontanea e alegremente?

PAULO

Ah! estala-me o coração!

VIDAL.

Não se entregue ao desespero. Um moço como o senhor deve encarar a desgraça, frente por frente. Vejo agora que fiz bem em não querer aceitar os seus agradecimentos pela parte que eu tomava neste negocio. Um moço que se porta por esse modo, não dá boa idéa de si, Sr. Paulo, eu queria concorrer para seu bem, mas não esperava ter de offerecer-lhe uma consolação e um allivio por tão inesperado infortunio. O que lhe disse, está dito. O paquete parte amanhã e as ordens, escrevo-as n'um momento.

PAULO.

Partir! E' uma vingança! inutil, sim, mas sempre uma vingança! sua felicidade será um escarneo á minha dôr; sua traição um insulto á minha presença! Ah! estúpida cabeça! estúpido coração! que nem comprehendeste nem sentiste a chamma da perfidia occulta sob o gelo daquella candura dissimulada! Meu Deus! se as creaturas que parecem teus anjos, mentem assim com tal infamia, o que esperar d'essas infelizes perdidas que doudejam no paul da corrupção! Mas a minha dignidade, o meu orgulho? Seu pai tinha razão, era preciso procurar-lhe um noivo. Ella tambem tem razão. Vê a miseria espalhar as paredes da sua casa, como uma parasita envenenada, abraça o dote que lhe dá a riqueza, no seio de outro homem que pôde inspirar por si mais sympathia! Sr. Vidal, estou prompto a partir. Beijo-lhe as mãos pelo serviço que me presta. Volto dentro de pouco e amanhã estou ás suas ordens. Sim, partirei, sem dar a perceber sequer as agonias que me pungem n'alma. Serei frio, indifferente, inerte, sobranceiro á humilhação da minha desgraça! (*Sahe.*)

VIDAL.

Este rapaz tem genio.... ha de subir.

**Scena VI.**

VIDAL E JOAO VIEIRA.

JOÃO VIEIRA.

Paulo retirou-se?

VIDAL.

Sim; mas disse que voltava. E' um rapaz de juizo.

JOÃO VIEIRA.

Se o é!

VIDAL.

Deve de ser muito teu amigo.

JOÃO VIEIRA.

Estou seguro disso.

VIDAL.

Não me disseste que já tinhas pensado em casar tua filha?

VIEIRA.

E' exacto.

VIDAL.

Pois olha, e não tomes isto como insinuação, não has de achar muitos noivos como Paulo.

VIEIRA

E's dessa opinião?

VIDAL.

Sim; é um moço honesto, trabalhador e demais não lhe ha de faltar protecção.

VIEIRA.

Sinceramente já o amo como se fosse meu filho, e, bem que nunca lh'o declarei francamente, tinha-o já destinado para meu genro.

VIDAL.

E' uma escolha acertada.

VIEIRA.

Estimo que assim o penses.

VIDAL.

Sabes que elle veio pedir-me um favor?

VIEIRA.

Qual? Já o adivinho de certo.

VIDAL.

Naturalmente. Veio pedir-me que lhe arranjasse um emprego par<sup>a</sup> fóra daqui.

VIEIRA.

Como! Pois elle fallou-te em tal?

VIDAL.

Sim; expoz-me suas circumstancias, abriu-me seu coração, disse-me que em tua casa nada poderia adiantar, que é moço e que precisa fazer pela vida e demais que, como empregado da tua casa, hoje fallida, ser-lhe-hia um tanto difficil achar uma outra aqui que o aceitasse sem desconfianças. Achei-lhe razão até certo ponto e, ainda por teu respeito e mesmo porque precisava, offereci-lhe emprega-lo no Rio Grande. Elle aceitou.

VIEIRA.

Paulo então expoz-te todas essas circumstancias?

VIDAL.

E' um rapaz bem vivo!

VIEIRA.

Sim, vejo-o agora, mas nunca o imaginei tal. Bem vivo de certo, e bem hypocrita!

VIDAL.

Por que? Não tens razão de dizer isso.

VIEIRA.

Como me enganava! Esta desgraça dóe-me ainda mais do que a primeira.

VIDAL.

Homem! Pelo rapaz querer empregar-se e partir daqui não vejo motivo para o maltratares. Isso prova até em favor d'elle.

VIEIRA.

Sim; mas não precisava pedir hypocritamente que eu lhe deixasse acompanhar-me em um infortunio, contra o qual acha hoje prudente tomar suas cautellas.

VIDAL.

Já te disse que não tens razão.

VIEIRA.

E' uma ingratição sem nome.

VIDAL.

Qual!

VIEIRA.

Sabendo que eu o destinava para meu filho!

VIDAL.

Sabendo como? Deste-lhe alguma vez a entender isso?

VIEIRA.

Sim.

VIDAL.

Isso agora é outro caso. Pois olha tenho pena de que elle se portasse assim para contigo. Eu não sabia. Pois esse rapaz é tão vivo que me enganou! Fallou-me com tal ingenuidade que acreditei nelle. Sinto-o bem: era um bom casamento para a nossa Elvira! Sabes que mais, não me servem a mim também ingratos dessa ordem.

VIEIRA.

Vou ajustar-lhe as contas e despedi-lo.

VIDAL.

Nesse caso, também o não quero para meu empregado.

### Scena VII.

OS MESMOS E PAULO.

PAULO *Severo.*

Meu amigo...

VIEIRA *Frio.*

Já lhe fallo, Sr. Paulo. (*Sahe e volta dentro de pouco.*)

PAULO.

Sr. Paulo! Vê, Sr. Vidal, á simples aproximação da realidade de seus desejos, trata-me com frieza. Desdenha na vespera da fortuna aquelles que o consolaram no dia da desgraça! O senhor, Sr. Vidal, tem de ser duas vezes generoso para com este pobre homem transtornado em seu character pelos golpes de um grande infortunio. Generoso para soccorrer-lo e generoso para perdoar-lhe! Meu Deos! como se passam rapidas as transformações da vida.

VIDAL.

Sr. Paulo, sinto que o senhor me obrigue a faltar pela primeira vez á minha palavra. O senhor não devia ter atraído a confiança do homem que se offerencia para fazer a sua fortuna.



PAULO.

Não o entendo, Sr. Vidal, ou eu estou louco.

VIDAL.

E' possível. O que seu antigo amo e amigo acabou de dar-me a perceber a seu respeito não o abona. Quem abusa da confiança de um amigo, é incapaz de ser grato a um beneficio!

PAULO.

Isso é uma nova affronta, porque não devo chama-la uma nova desgraça! Quem ousa aqui calunniar-me?

JOÃO VIEIRA (*entrando*).

Sr. Paulo sei que está resolvido a retirar-se desta casa. Eis as suas contas e o dinheiro que lhe resto.

PAULO.

Não é dinheiro que eu venho pedir-lhe, Sr. Vieira; as contas de meu salario estão justas, mas não as da minha honra! O senhor des-honra-me e assassina-me!

JOÃO VIEIRA.

São escusadas mais palavras, Sr. Paulo, limito-me a dizer-lhe que o senhor é um moço infeliz!

### Scena VIII.

OS MESMOS E ELVIRA.

ELVIRA.

Que é isto, meu pai? Paulo!

PAULO.

Minha senhora.

JOÃO VIEIRA.

Póde retirar-se quando queira, senhor; não serei eu quem lhe embargue os passos.

ELVIRA.

Paulo, então parte?

JOÃO VIEIRA.

Não lhe dêis mais esse nome, minha filha. Para ti deve de ser hoje um estranho!

PAULO.

Já eu me tinha feito estranho, Sr. Vieira! Até um dia, senhor.

ELVIRA.

Paulo!

PAULO.

O que deseja, minha senhora?

ELVIRA.

Paulo!

PAULO.

O que deseja, minha senhora?

ELVIRA.

Nada!

VIDAL. *Ab fundo.*

Ha de ser minha!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

# OS MINEIROS

DA

## DESGRAÇA

---

### ACTO III.

Sala de descauso, em casa do commendador.... O noite: ha baile.  
Ouve-se musica, etc.

---

#### Scena I.

MAURICIO E PAULO.

PAULO.

Previno-o, meu amigo, de que vai ter um grande trabalho. Insti-tui-o meu cicerone. Sinto-me estranho no meio deste mundo, sinto-me até estrangeiro. Ha pouco tempo que frequento esta sociedade, conheço de ha poucos dias ao dono e á dona da casa, já vê que hei de precisar informações a respeito de tudo e de todos.

MAURICIO.

Não se incommode: é trabalho que não me custa. Se quer ir para a sala, vamos; mas em minha opinião devemos ficar aqui.

PAULO.

Dizem que é muito rico, este commendador.

MAURICIO.

E' exacto ; mas não se lhe conhece bem a origem da fortuna.

PAULO.

Não será difficil conhecê-la ; sabe que em nosso paiz quasi todas as grandes fortunas explicam-se pelo trafico.

MAURICIO.

Algumas ; outras explicam-se pelas traficancias.

PAULO.

A dona da casa me parece ser uma excellente senhora.

MAURICIO.

E' uma linda mulher.

PAULO.

Não me refiro ao physico.

MAURICIO.

Isso entendi eu, mas cada um diz o que sabe e fallá do que conhece.

PAULO.

Então, não a conhece de perto ?

MAURICIO.

De muito perto, não o posso dizer, nem de muito longe tambem. Mas desde que eu lhe digo e desde que o senhor tem consciencia de que ella é uma linda mulher, que mais quer saber ?

PAULO.

Quero saber-lhe da alma. Sabe que não sou homem que me prenda nas exterioridades. Tenho sido muito enganado para deixar-me assim

levar pelas apparencias. Por isso mesmo que as decepções tornaram-me sceptico e desencantado, a justiça de meu caracter impõe-me o dever de informar-lhe sobre o caracter das pessoas com quem lido.

MAURICIO.

Já vejo que o senhor nunca estudou philosophia.

PAULO.

Ao contrario, os meus amigos chamam-me de philosopho.

MAURICIO.

O senhor nunca ouviu dizer que a alma é impalpavel? Como quer, pois, que eu lhe aquilate a alma dessa moça?

PAULO.

Nesse caso, essa pobre moça vale só o que mostra?

MAURICIO.

E não é pouco. Ah! meu caro Sr. Paulo, vejo que ainda está muito atrasado sobre isto a que nós chamamos indevidamente, a boa sociedade. Pois meu amigo, não o trouxe aqui nem para comer pasteis, nem para tomar sorvetes. Trouxe-o para ficar conhecendo o círculo dos seus naturaes adversarios, porque o senhor é um homem de bem, e para... para outra cousa que o senhor sabe melhor do que eu.

PAULO.

E terei a ventura de encontrar o meu homem.

MAURICIO.

E' muito natural que não falte: elle tem nesta casa o seu lugar marcado.

PAULO.

Porque?

MAURICIO.

Porque esta é a *espelunca latronum* de que falla a escriptura, o

pandemonium aonde frequentemente se encontram todas as altas figuras desse circulo de agiotas, especuladores, prevaricadores de todas as ordens, desde o ministro que vende os seus despachos até o juiz que vende as suas sentenças, desde o banqueiro que faz as altas e as baixas da praça do commercio até o rebatedor sobre pe-nhores.

PAULO.

E foi para mostrar-me isto, que tanto se empenhou para trazer-me?

MAURICIO.

Foi.

PAULO.

E' singular!

MAURICIO.

Não deixa de ser. Olhe, Sr. Paulo, eu tambem frequento esta casa e não perco reuniões desta ordem, sabe porque?

PAULO.

Não.

MAURICIO.

Porque venhô aqui aprender a amar cada vez mais a virtude!

PAULO.

Sim?

MAURICIO.

Sim; e não se admire. E' vendo a perversão destas salas; as mi-serias que aqui se ostentam: o luxo que corrompe; a vaidade que céga; é vendo a riqueza deshonesta acatada e bajulada emquanto se olha com desprezo para a mediania honrada; vendo certos homens de representação social, mas de uma triste representação, ostentarem fulguerosos as galas adquiridas a troco de infamias, vendo certas moças infelizes virem aqui perder a virgindade de sua alma ao bafejo

pestilencial desta atmosphera envenenada, vendo certas mulheres trocarem publicamente a honra de seus maridos e o nome de seus filhos pelas caricias transitorias de meia duzia de estouvados ou de pervertidos, que eu aprecio, admiro, venero e amo a santidade dos lares domesticos que se conservam puros, o encanto dessas conviencias intimas aonde a amizade expande-se franca, sem medo de que a traição ou a perfidia contamine as confidencias do coração.

PAULO.

Então, segundo diz, não frequentam esta casa pessoas honestas.

MAURICIO.

Não digo tanto, aqui estou eu, ahí está o senhor, ahí não de estar outros. Que quer, meu amigo, a sociedade está organizada por tal fórma que não ha meio de evitar esta mistura. E aqui entre nós, se os homens honestos fossem a fazer sociedade á parte, olhe que havia de ser uma sociedade bem aborrecida ! Aqui, ha mais uma vantagem.

PAULO.

Qual ?

MAURICIO.

E' que os homens honestos tornam-se distinctos.

PAULO.

Como em toda a parte.

MAURICIO.

Aqui mais do que em parte alguma. Fazem o effeito de nus salpicos de cal n'uma casaca preta, já vio ?

PAULO.

Meu amigo, assim desencanta-me.

MAURICIO.

Não ó essa a minha intenção. Sou franco por que fallo a um homem de espirito. Demais, sou um navegador esperto destes mares e é

meu dever fazer-lhe o mappa e indicar-lhe os parceis perigosos. Não são todos os Ulysses os que escapam destas ilhas fluctuantes. Ha de ter ouvido accusar o nosso theatro de ser mais francez do que nacional, não é exacto ?

PAULO.

Muitas vezes.

MAURICIO.

E como não ha de se-lo, se franceza é a nossa sociedade, francezes os nossos vicios, francezes os nossos estudos, os nossos costumes, o traje, as modas, a conversação, emfim tudo? Ah ! meu amigo, se a França nos desse em espirito o que nos manda em quinquilharias, eramos uma grande nação! Mas como só lhe tomamos, e por bom preço, o que ella tem de mais insignificante, de peor, chamam-nos, com razão, um povo de macacos. Não se incommode com o epitheto.

PAULO.

Ao contrario, concordo com elle.

MAURICIO.

Pois bem ; nós temos igualmente o nosso mundo equivoco. Mundo fluctuante, que acompanha a sociedade, que se transforma, que se engrandece á custa do que rouba ou recruta em todas as classes uteis. Esses banqueiros fraudulentos, esses rebatedores sem alma, as mulheres sem pudor e as crianças sem virgindade, os seductores de profissão, os empregados ociosos e concussionarios, os juizes prevaricadores, todas essas excepções monstruosas que envergonham a probidade social, que deshonram aos companheiros do officio e que entristecem o coração nacional, tudo isso faz parte desse mundo hybrido e repulsivo. Não ha lugar vedado á essa classe de parasytas : elles têm uma representação em todos os lugares, no governo, nas camaras, nas igrejas, nos salões, nos theatros. Adorados por uns, escarnecidos por outros, detestados por alguns, esses aleijões sociaes pavoneam-se altivos, e, pôde-se dizer, que têm a primazia das venturas ephemeras : felizmente ephemeras !



PAULO.

Acho-me então no meio desse mundo?

MAURICIO.

Asseguro-lhe que acha-se em pleno mundo da lua. Vai assistir á desfilada de grande numero desses caracteres corrompidos que são o desdouro da geração que os supporta. Como no armazem de um adelo vai achar de tudo: homens que traficam com a sua consciencia, que especulam com a miseria de seu semelhante; mulheres que brincam com a honra de seus lares como se fosse uma joia sem preço, que acarretam ao circulo de sua degradação as inexperientes convivas de seus festins, que facilitam o caminho da perdição e vão adiante da miseria, convida-la para sua socia; moços estouvados ou pervertidos que abstrahem dos seus escrupulos para afogarem-se em prazeres condemnados e que todos reunidos, no entretanto, fazem uma sociedade, amena, elegante, seductora, cheia de mil encantos!

PAULO.

E o que me aconselha que faça?

MAURICIO.

O mesmo que eu faço, estude e aprenda, goze, mas não se comprometta, seja accessivel, mas não se allie. Vai já ter um exemplo.

## Scena II.

OS MESMOS, ERNESTO E JORGE.

ERNESTO.

Adeos, Mauricio.

MAURICIO.

Vivam. Quero apresentar-lhes o meu amigo, o Sr. Paulo Dorval.

ERNESTO.

*A la bonne heure!* Um amigo é sempre bem vindo.

JORGE.

Sr. Dorval, disponha de mim.

PAULO.

Muito obrigado, meus senhores.

MAURICIO.

Vê o que lhe disse. Este meu amigo é um dos taes. Gosta de adubar a conversação com o sal francez.

JORGE. *Atirando-se em um divan.*

Vivam os sofás estufados ! Se algum dia fôr capitalista, hei de mobiliar minha casa á capricho. Para mim os moveis de uma sala valem os retratos dos donos da casa.

MAURICIO.

E até ahi vas de accordo com a theoria da época. A apparencia entre nós é tudo.

ERNESTO.

Se este Mauricio perdesse a mania de philosophar a proposito das cousas mais insignificantes, podia tornar-se um excellente rapaz.

PAULO.

Acha que é defeito ?

ERNESTO.

Horroroso !

JORGE.

Inadmissivel em um homem de espirito.

ERNESTO.

*Ma foi !* Ridiculo !

MAURICIO.

Sim, sim, vocês têm razão. De facto, que importa ao mundo que não tem consciencia, que, segundo a phrase da escriptura, só vê pelos olhos da carne, que a miseria ou a desgraça lavre no coração das fami

lias, se ellas apparecem nos bailes e nos espectaculos, se trajam sedas e velludos, se calçam luvas de pelica e ostentam uma fortuna contra a qual protestam os seus embaraços domesticos ?

ERNESTO.

Não sejas exagerado ; para responder-te cabalmente fôra mister fazer aqui uma prelecção de economia politica, o que é improprio de moços de espirito, e sobretudo absurdo na sala de descanso de uma casa onde ha um baile.

JORGE.

Especialmente quando rapazes elegantes como nós têm a estupidissima idéa de desertar do salão para virem fumar em uma sala retirada.

PAULO.

Acho-lhes razão.

MAURICIO.

Pois tudo aqui, ao contrario, incita-me á reflexão. Este commendador, por exemplo, que dá partidas todas as semanas, que possui um palacio, trens luxosos, etc., etc., é uma das muitas existencias mysteriosas que observamos em nosso mundo.

ERNESTO.

Não sei porque.

JORGE.

Um capitalista nunca foi um mysterio.

MAURICIO.

Um capitalista ! Eis ahi a palavra sybilina que explica tudo. Pela minha parte, confesso, que ainda não pude fazer uma idéa exacta do que seja um capitalista.

JORGE.

Pois é simples.

MAURICIO.

Talvez.

ERNESTO.

Que tens a dizer delle ?

MAURICIO.

Quasi nada; é um individuo que dá pouco que fallar aos homens como eu.

JORGE.

Não é elle amavel?

MAURICIO.

E'.

ERNESTO.

Não nos diverte por todos os modos?

MAURICIO.

Sem contestação.

JORGE.

Não reúne em sua casa o que nós chamamos a boa sociedade?

MAURICIO.

Não contesto nada disso.

JORGE.

E não é casado com uma linda mulher?

PAULO.

Levaram-no á parede, como se diz em phrase escolastica.

MAURICIO.

Não sou o mais competente para responder.

ERNESTO.

Porque?

MAURICIO.

Porque não devo.... principalmente diante de vocês

JORGE.

Oh! isso agora é que é mysterioso: não aceito a evasiva.

Nem eu.

ERNESTO.

MAURICIO.

Pois então, porque..... não quero. Vocês aceitam a phrase assim, pouco polida ?

JORGE.

Quando não ha prata para se me fazer o troco, aceito-o mesmo em cobre.

MAURICIO.

A verdade é a seguinte: em caso de necessidade eu defenderei a mulher pelo marido, em quanto vocês deffendem o marido pela mulher.

JORGE.

No que procedemos como cavalheiros.

MAURICIO

E mesmo como homens de espirito, segundo a phrase contemporanea.

ERNESTO.

Estás em máo dia. Sr. Dorval, não acha ?

PAULO.

Eu observo a questão de um campo neutro.

MAURICIO.

A final vocês são irreflectidos mas não malvados, levianos mas não infames, libertinos mas não dissolutos.

JORGE.

E's muito generoso.

MAURICIO.

Não, sou muito justiceiro. Mas esses outros, esses a quem a sociedade defende quando os atacam, esses por quem ella se offende quando os offendem ; esses sim, são perversos, ignobeis. Para desaffronta social

e satisfação das consciencias indignadas, sabem vocês o que eu desejava?

JORGE.

Vejamos.

MAURICIO.

Desejava que a sociedade inteira pudesse ouvi-los quando se expandem, ou penetrar-lhes nas consciencias quando se refolham, para corar e enraiveczer-se, conhecendo o juizo que elles formam della. Para esses senhores tudo se vende e tudo se compra. Não ha probidades inteiriças nem caracteres inexpugnaveis. Acreditam te<sup>f</sup> na sua bolsa o philtro magico da seducção; irritam-se á menor resistencia; não comprehendem o desinteresse, nem a justlça, nem a lei, nem o direito que se não regule pela bitola dos seus desejos, dos seus caprichos ou dos seus interesses. E calcinados pela infamia, desdenham de tudo o que é nobre, sorriem de tudo o que é generoso e só tem louvores e admiração para os que são tão baixos como elles. Asseguro-lhes que é uma miseria !

ERNESTO.

E eu asseguro que estás hoje muito maçante.

MAURICIO.

Póde ser.

JORGE.

Vamos para o salão?

ERNESTO.

Vamos; tenho um passeio promettido.

MAURICIO.

Pois eu fico.

PAULO.

E eu tambem.

JORGE.

O Sr. Dorval não dança?

PAULO.

A's vezes.

**Scena III.**

MAURICIO E PAULO.

PAULO.

Estou ancioso, meu amigo, por chegar ao resultado de meu plano. Não é uma vingança que premedito, é um castigo. Hei de salvar a essa mulher e hei de condemnar esse homem. Porque essa mulher é uma infeliz e esse homem um malvado, um verdugo.

MAURICIO.

Faça-o, mas não se precipite, A partida é arriscada, e elle tem em seu favor mais cento por cento do que o senhor.

PAULO.

Não creia. Tenho-o em meu poder.

MAURICIO.

Explique-se, porque ainda está muito mysterioso.

PAULO.

O miseravel não me conhece, mas eu conheço-o. Ha algum tempo que se corresponde comigo e ignora que seja eu o seu solicito correspondente. E asseguro-lhe que não vim de Portugal neste paquete, senão para consumir a minha obra. Tenho em minhas mãos as provas de seu crime.

MAURICIO.

Qual crime?

PAULO.

Passador de notas falsas. Escuso dizer-lhe o modo porque cheguei á verificação deste delicto. Baste-lhe saber que tenho os documentos em meu poder. Vamos ver se o encontramos?

MAURICIO.

Como queira. (*Sahem.*)

**Scena IV.**

ERNESTO E OLYMPIA.

ERNESTO.

Não continue a maltratar-me.

OLYMPIA.

O senhor é ingrato e cruel. Não recompensa o meu amor nem attende aos sacrificios que faço. E eu amo-o tanto! Seja um crime ou uma desgraça, este amor é a minha vida. Dei lh'o, porque o engesta?

ERNESTO.

O ciume torna-a suscitosa. Não tem razão.

OLYMPIA.

Oh! jure-me que ainda ha pouco não me trahia.

ERNESTO.

Juro-lhe.

OLYMPIA.

Agora aceite um conselho; seja prudente e cauteloso. Por mim... pelo senhor.... Se soubesse o que ainda hoje se passou! chorei muito, mas triumphei.

ERNESTO.

Farei o que me ordena. Ah! creio que vem alguem.

OLYMPIA.

Que contrariedade. Onde me poderei esconder; não quero que me encontrem aqui só...

ERNESTO.

Occulte-se neste gabinete.



**Scena V.**

ERNESTO E VIDAL.

VIDAL.

Estimo encontra-lo só, Sr. Ernesto.

ERNESTO.

Estou ás suas ordens.

VIDAL.

O senhor é um moço que não tem amor á sua reputação.

ERNESTO.

Porque, Sr. Vidal? Porque não pude ser-lhe agradavel a respeito do seu negocio?

VIDAL.

O senhor tem bonitas palavras, mas são ellas um tanto obscuras. Eu me explico melhor...

ERNESTO.

Não é necessario; sei ao que se refere, e, amanhã, sem falta...

VIDAL.

Amanhã! O senhor suppõe-me uma criança? caloteia-me e quer escarnecer-me.

ERNESTO.

Sr. Vidal!

VIDAL.

Moço, não grite, porque de nós dous sou eu quem aqui tem o direito de elevar a voz. Sabe que depende de mim, sabe que o tenho em minhas mãos, seja humilde.

ERNESTO.

Em resumo; Sr. Vidal, não é este o lugar proprio para tratar-mos de negocios: em minha casa....

VIDAL.

Em sua casa! De que me serve isso, se se esconde quando o procuram? Se evita os seus credores, mentindo?

ERNESTO.

Pois bem, d'aqui á pouco.... Mas, Sr. Vidal, é uma violencia e uma maldade o que pratica comigo. Sabe que se lhe não pago, é porque não tenho dinheiro.

VIDAL.

E' muito boa razão, mas não me serve. Estou cansado de esperar. Sabe o que significa este papel?

ERNESTO.

Sei; é a letra que lhe passei.

VIDAL.

Pois hoje significa a deshonra. Tenho a lei de meu lado, tenho a justiça e o direito....

ERNESTO.

Isto é, a justiça do salteador, que saqueia o viandante.

VIDAL.

Engana-se; é a justiça do negociante que vende a sua mercadoria e pelo preço que convencionou.

ERNESTO.

Vou ver se consigo pagar-lhe já. Pedirei a somma emprestada a algum amigo.

VIDAL.

Vá, e lembre-se que amanhã decide-se este negocio.

## Scena VI.

VIDAL Só.

Preciso desenvencilhar-me destes devedores insolvaveis. São uns

miseraveis que vivem do que roubam ao homem de bem que se fia nelles. Emquanto tinha um emprego, ainda, ainda. Dava-me a procu-  
ração para receber os ordenados, e o prejuizo não era tão grande.  
Mas o governo, demittindo-o, ferio os meus interesses.

**Scena VII.**

VIDAL E OLYMPIA.

OLYMPIA.

Sr. Vidal...

VIDAL.

Minha senhora...

OLYMPIA.

Eu estava naquelle gabinete e ouvi tudo.

VIDAL.

Nada tenho com isso, minha senhora.

OLYMPIA.

O senhor sabe que esse moço é um dos nossos amigos: sua familia  
está ligada á minha pelos laços de uma amizade sincera; peço por  
elle, não o perca.

VIDAL.

Não póde ser, minha senhora. Tenho sido victima dos mãos paga  
dores.

OLYMPIA.

No entanto, é preciso que o senhor o salve, por força. Seja bom  
para comigo; veja em que lhe posso valer, diga-me o que quer que eu  
faça para evitar essa desgraça.

VIDAL.

Esse moço é seu irmão?

OLYMPIA.

Não.

VIDAL.

Seu parente?

OLYMPIA.

Tambem não.

VIDAL.

Parente de seu marido?

OLYMPIA.

Não me canse com perguntas; faça o que lhe rogo e a minha gratidão será eterna.

VIDAL.

Minha senhora, se eu fôr amanhã a um banco com a sua gratidão não tiro dinheiro nem a 50 %.

OLYMPIA.

Oh! o senhor é uma alma de gelo!

VIDAL.

Pois a sua, minha senhora, apesar de tudo quanto diz, não parece ser de fogo pelo seu protegido. A senhora pôde salva-lo, uma vez que... tanto se empenha por elle. Por exemplo; tem sobre o seu braço uma pulseira, equivalente ao valor da divida.

OLYMPIA.

E o senhor quer que eu lhe dê a pulseira?

VIDAL.

Eu não quero; a senhora é quem quer tudo.

OLYMPIA.

E o que direi a meu marido? E' um roubo o que me propõe.

VIDAL.

E o que dirá a senhora ao seu marido, se elle lhe perguntar a razão do seu vivo interesse por esse moço?

OLYMPIA.

Basta, senhor ; não junte o insulto á ignominia. Aqui tem a joia que cobiceou, já que o senhor explora uma desgraça em seu proveito.

VIDAL.

Que cobicei, não, senhora ; que se digna entregar como penhor pela divida de um amigo.

OLYMPIA.

Retiro-me, senhor ; e ao menos.... seja generoso. (*Vai a sahir.*)

VIDAL.

Uma palavra, minha senhora ; se lhe perguntarem pela pulseira-responda que.... responda que a perdeu. (*Sahe Olympia.*) Ao menos, não perco no negocio. (*Sahe.*)

### Scena VIII.

ERNESTO E VENANCIO.

ERNESTO.

Salve-me deste apuro, Sr. Venancio, aceito todas as condições.

VENANCIO.

Impossivel, meu amigo, impossivel ! Na actualidade estou sem capitães.

ERNESTO.

Tenha comiserção de uma desgraça ; veja que se não houvesse chegado ao desespero não o encommoaria.

VENANCIO.

Oh ! eu sei, eu sei que sô os desesperados vêm ter comigo.

ERNESTO.

Pois bem, salve-me.

VENANCIO.

Sr. Ernesto, sabe que eu sou amigo dos rapazes e que só não lhes presto algum serviço, quando, como presentemente, acho-me impos-

sibilitado. Asseguro-lhe que não tenho um vintem disponível : procure ao seu credor, peça-lhe alguma demora. O senhor está phantasiando o caso muito sério e afinal de contas, vão ver, é alguma exigencia-sinha que se applaca com quatro palavras.

ERNESTO.

Asseguro-lhe que não. E' um negocio grave. Amanhã se não satisfizer a divida, estou perdido, deshonrado.

VENANCIO.

Homem ! o caso é assim ? Já vejo que tem razão.

Que infelicidade ! O senhor veio procurar-me justamente n'uma occasião diabolica ! Eu não lhe posso valer, Sr. Ernesto.

ERNESTO.

Oh ! então, é uma desgraça sem remedio !

VENANCIO.

Afflige-me, vê-lo assim. Eu sei que isso é uma contrariedade cruel e é aquilatando o seu soffrimento, que mais arrenego o não lhe poder servir. Mas, emfim, vou tentar o ultimo recurso. Se falhar, estamos mal.

ERNESTO.

Qual é elle ?

VENANCIO.

Eu tenho um amigo que nos póde valer. Mas é um homem dos diabos ! Aconselho-lhe que não se metta com elle. E' um homem de palavra, e se o senhor lhe faltar com o pagamento no dia fatal, é capaz de um desatino. Eu posso fallar-lhe.... posso ; mas olhe que é negocio de sacrificio ; não se comprometta.

ERNESTO.

Mas, se cheguei ao ultimo apuro !

VENANCIO.

Vamos lá ! Quero provar-lhe que me interesso pela sua sorte ; e as-

seguro-lhe que só pelo senhor me animo a dar semelhante passo. Não gosto de ter negocios com esse individuo, mas emfim... o senhor está desempregado, não é verdade ?

ERNESTO.

E' certo.

VENANCIO.

Pois precisa de um emprego, precisa de um emprego. Tenho relações com um ministro e vou fazer pelo senhor o que nunca fiz por ninguem ; pedir um favor ao governo. Olhe, temos aqui felizmente, papel, penna e tinta. Passe-me um papelsinho de deposito, na importancia total da quantia que deseja. E' só para dar maior segurança ao homem. E depois, passe-me tambem uma procuração para receber os seus ordenados no thesouro, descontando, já se sabe, o premio, etc., etc.

ERNESTO. *A' parte*

Estes miseraveis aproveitam-se de tudo ! (*Alto*). Mas que ordenados, se não tenho emprego ?

VENANCIO.

Já lhe disse que eu lh'o arranjarei e eu sou homem de palavra. Quer o dinheiro já ou amanhã ? Tenho aqui algum, que não é meu, e que ainda ha pouco deram-me para entregar.

ERNESTO.

Como queira.

VENANCIO.

Pois então, tome lá e seja feliz.

ERNESTO.

Apezar de tudo... muito obrigado. (*Vai sair.*)

VENANCIO.

Venha cá, Sr. Ernesto, quero ouvir dos seus labios uma confissão.

ERNESTO.

Qual ?

VENANCIO.

Sou ou não sou seu amigo ?

ERNESTO.

Um amigalhão ! Deixe estar, Sr. Venancio, peça a Deos que me dê vida, saude e fortuna e eu lhe provarei que sou grato ás suas finezas.

VENANCIO.

Muito obrigado, muito obrigado.

### Scena IX.

VENANCIO, MAURICIO E PAULO.

MAURICIO.

Oh ! Sr. commendador !

VENANCIO.

Sr. Mauricio, meu senhor...

PAULO.

E' ainda a mesma figura repulsiva !

MAURICIO.

O que ha de novo, Sr. commendador ? Ouvi dizer que a praça estava em sobresalto e ia representar ao governo.

VENANCIO.

E' verdade, meu amigo, falla-se nesta horrivel asneira. E' a agitação, meu amigo, a agitação, a ruina, a desgraça, a guerra aos capitaes, o horror aos homens que possuem alguma cousa.

MAURICIO.

Esta é gálante ! Os que têm capitaes em risco, são os negociantes ; os negociantes é que representam, como é que o senhor diz ser a guerra contra os capitaes ?



VENANCIO.

Quaes negociantes, meu caro! Olhe. Sr. Mauricio, digo-lhe aqui muito em segredo, e não se comprometta, é a agiotagem, são os especuladores que estão turvando as aguas. Pois o senhor comprehende que homens de fortuna tenham o pouco juizo de se oppôr a um governo? Está enganado, meu amigo, está enganado. A fortuna é a paiz a paz é a ordem, a ordem é o governo, quem quer que este seja, logo....

MAURICIO.

Logo o senhor é um sabio, Sr. Venancio!

VENANCIO.

Não me vexa, por quem é, Sr. Mauricio.

MAURICIO.

Não, sou franco; conheço poucos homens que tenham um bom senso tão perfeito.

VENANCIO.

Depois, veja o senhor, é a ruina do paiz, é a miseria ameaçando a sociedade. E' uma loucura arrematada, não ceŝso de dizer que a verdadeira politica é a politica do governo.

MAURICIO.

Seja este o absolutismo, a republica ou a constituição, não é verdade?

VENANCIO.

Exactamente, meu amigo: comprehendeu-me; a autoridade é a lei, a lei é a justiça, é a justiça, é o que diz o ministro.

MAURICIO.

E nada mais; estamos de accordo, Sr. Venancio.

VENANCIO.

Dão-me licença?

MAURICIO.

Pois não. (Sahe Venancio.)

**Scena X.**

MAURICIO E PAULO.

MAURICIO.

Ouvia?

PAULO.

Ouvi.

MAURICIO.

Responda-me com franqueza, lá pela Europa encontrou muitas consciencias destas?

PAULO.

Algumas.

MAURICIO.

Pois nós aqui temo-las tambem, e boas. O Sr. Venancio é um exemplar bem encadernado da inexgotavel edição dos politicos que têm o patriotismo e a moral fechada na sua burra.

PAULO.

O miseravel não se modificou; está o mesmo.

MAURICIO.

Conserva-se, conserva-se.

**Scena XI.**

OS MESMOS E O CONSELHEIRO.

O CONSELHEIRO. (*Apressado.*)

O Sr. commendador, está por aqui?

MAURICIO.

Oh! Sr. conselheiro, estimo encontra-lo. Já hontem procurei a V.

Ex. e não pude achá-lo. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo o Sr. Paulo Dorval que pretende....

O CONSELHEIRO.

Ah! sim, sim; está servido, hontem mesmo levei os papeis a despacho, e o senhor está nomeado.

PAULO.

Perdão, Exm., eu não requeri lugar algum.

O CONSELHEIRO.

Ah! quero dizer, os seus papeis estão promptos. Não gosto de enganar nem de demorar as partes. Quando posso fazer está feito, e quando não posso... não posso. Mas é logo decidido.

PAULO.

V. Ex. equivoca-se. Não tenho também papeis na secretaria.

O CONSELHEIRO.

Então o que me dizia o Sr. Mauricio?...

MAURICIO.

Dizia eu a V. Ex. que o meu amigo pretendia a honra de ser-lhe apresentado para lhe entregar um trabalho que trouxe da Europa, a respeito da colonisação do imperio.

O CONSELHEIRO.

Pois quando queira, quando queira; na secretaria ou em minha casa, estou ás suas ordens. Por hoje limito-me apenas a dançar algumas contradansas; até logo. *(Sabe.)*

## Scena XII.

MAURICIO.

Vio?

PAULO.

Vi:

MAURICIO.

Chama-se a isto um ministro atrapalhado pelos empenhos, e que para livrar-se de importunações, adopta o expediente de dar a todo o mundo por contentado. mesmo daquillo que ninguem lhe pedio.

PAULO.

E' prospera a sorte do nosso paiz, meu amigo. Educa-se esta sociedade? Não ha imprensa aqui ?

MAURICIO.

Ha, e alguns jornaes tambem.

PAULO.

E o que fazem?

MAURICIO.

O que fazem?... Homem, não fazem nada.

PAULO.

Mas não escrevem ao menos?

MAURICIO.

Escrevem.

PAULO.

E o que conseguem ?

MAURICIO.

Conseguem fazer ao fim do anno dous ou quatro volumes horrosos !

PAULO.

E' triste. Ha em tudo isto um defeito.

MAURICIO.

Ha, e não sabe onde elle reside ?

PAULO.

Não.

MAURICIO.

Alli ! Demora-se ?

PAULO.

Demoro-me. Vou fumar.

MAURICIO.

Pois eu já volto, porque decididamente quero descobrir o monstro.  
Sei que está no baile, mas ainda não pude vê-lo.

**Scena XIII.**

OS MESMOS E MARIA.

MARIA. *A Mauricio.*

Então que é isto ? Retira-se porque me vê ?

MAURICIO.

Não, senhora, retirava-me para vê-la.

MARIA.

Já fallou com meu marido ?

MAURICIO.

Ainda não.

MARIA.

Pois elle quer fallar-lhe.

MAURICIO.

Vou procura-lo então.

MARIA.

Até logo.

MAURICIO.

Até já. *(Sabe.)*

PAULO.

Nipha senhora !

MARIA.

Então, senhor, se não venho procura-lo, não se afadiga por ver-me?

PAULO.

Como já tive a honra de cumprimenta-la...

MARIA.

E basta isso? Sabe que tenho uma queixa de sua pessoa?

PAULO,

Ignoro-o.

MARIA.

Não gosta da nossa sociedade?

PAULO.

Porque o suppõe?

MARIA.

Porque o acho triste e contrariado.

PAULO.

Sobram-me razões para isso. Nestas salas não sou eu uma figur estranha?

MARIA.

Porque?

PAULO.

Porque o sou. Sem relações, sem amigos; sem titulos, por consequencia, posso por ventura concorrer com tantos cavalheiros amáveis e queridos?

MARIA.

Póde. Tem todos os predicados para vencer. Dar-se-ha o caso de que esteja apaixonado?

PAULO.

Não, senhora.

MARIA.

Então, conheço já a sua molestia.

PAULO.

Qual é ella?

MARIA.

A necessidade de amar.

PAULO

Talvez.

MARIA.

E ha de ser amado tambem.

PAULO.

E ha nos seus salões remedio para esse mal?

MARIA.

Sim; como em todos os salões. Acha-nos a todas tão feias que não  
possamos inspirar um sentimento desses ao coração?

PAULO.

Ao contrario. Mas as preferencias?

MARIA.

Conquistam-se.

PAULO.

E' tão difficil!

MARIA.

E' tão facil! Olhe, tenho uma amiga que soffre de molestia igual á  
sua. Se a conhecesse, amava-a.

PAULO.

E' possivel.

MARIA.

E' certo. Quer conhecê-la?

PAULO.

Com muito prazer.

MARIA.

Pois espere-me aqui. *(Sahe.)*

### Scena XIV.

PAULO. *Só.*

Pobre mulher! Envenenada ao contacto da sociedade maldita que frequenta, distilla de seus labios a corrupção que lhe infiltraram n'alma!

### Scena XV.

PAULO, MARIA E ELVIRA.

MARIA.

Quero apresentar-te a um moço que não conheces e a quem deves conhecer.

ELVIRA.

E' bom?

MARIA.

E' bonito!

ELVIRA.

E que me importa isso? E' teu amigo?

MARIA.

E'!

ELVIRA.

Pois será esse o seu unico titulo para mim.

MARIA.

Sr. Dorval.



ELVIRA.

Ah !

PAULO.

Minhas senhoras !

MARIA.

O que tens ?

ELVIRA.

Nada.

MARIA. *A' parte.*

Entendo. Ainda sou muito simples ! (*ouve-se musica*). Ah ! que vou perder a minha valsa. Elvira, eu já volto.

**Scena XVI.**

PAULO E ELVIRA

PAULO.

Elvira !

ELVIRA.

Paulo !

PAULO.

Bem vês que ha supplicios eternos !

ELVIRA.

Bem vês, que as dôres não matam !

PAULO.

Lembravas-te de mim ?

ELVIRA.

Não me esqueceste ?

PAULO.

Os annos passaram, mas a memoria do coração ficou naquella casa

modesta, aonde vivemos ambos os melhores annos da vida ! Pobre Elvira !

ELVIRA.

Mais desgraçada do que suppões ! Ligada por laços indissolúveis ao verdugo da minha felicidade, ao assassino de meu pai, soffro como uma escrava o jugo que a sorte me impoz ! Ah ! minha mãe ! Minha mãe !

PAULO.

Detem tuas lagrimas, Elvira ; vim de bem longe para salvar-te, por que o coração me dizia que eras desgraçada e porque eu pude saber parte dos teus infortunos !

ELVIRA,

Saberás muito, mas não sabes tudo ! Comprehendes o que é ser uma filha sem pai ? Uma amante sacrificada aos braços de um monstro, repulsivo de fôrma e hediondo de character ? Sabes o que é ser esposa de um senhor a quem se detesta ? Mãe de um filho, a quem se deve, a quem se não pôde deixar de amar, embora cada caricia sua, cada gesto, cada traço do semblante, cada palavra, a todo instante, recorde, retrate, a imagem do carrasco da nossa vida ? Ah ! não sabes !

PAULO,

Mas eu te salvarei, Elvira !

ELVIRA.

Impossivel, meu amigo. Ninguem evita o seu fado.

PAULO.

O excesso da dôr cega-te o coração. Crê, espera, Elvira, porque a creença é o balsamo santo da alma, e a esperança a luz que nos guia. Não é só o coração que me impelle, é o dever. Eu concorri, por minha loucura, para a tua desgraça, devo, preciso salvar-te. O homem que te possui é indigno de ti e indigno da sociedade. E' um monstro de crimes, sordido de character, vil e infame.

ELVIRA.

Seja-o embora. meu amigo, nem por isso deixo de pertencer-lhe.

O dever e a religião ligaram-me a elle, só a morte nos poderá separar.

PAULO.

Não ; porque nem a sociedade nem Deos não podem querer um sacrificio dessa ordem. Arrancar-te-hei de seus braços. Procurar-te-hei um asylo honesto e seguro.

ELVIRA.

Não ; o sacrificio que fiz por meu pai, ficaria nullo.

PAULO.

Mas o teu marido é indigno de ti, se é um infame criminoso ?

ELVIRA.

Não, Paulo, é o pai de meu filho !

### Scena XVII.

OS MESMOS E VIDAL.

VIDAL.

Quem é o senhor ?

ELVIRA.

Ah !

PAULO.

Um homem que o despreza e que o odeia.

VIDAL.

E' natural. Na situação em que seu insulto me colloca, eu não sou só um homem, sou um marido ! E o senhor, naturalmente, é um desses ridiculos gamenhos que têm por officio explorar a inexperiencia ou a perversidade das mulheres facéis. O senhor odeia-me, é justo, sou seu inimigo natural ! O senhor despreza-me, não precisava dizer-lo, porque os ladrões da sua especie, só assaltam a honra daquelles a quem desprezam !

PAULO,

Previno-o de que um insulto mais pôde custar-lhe caro.

ELVIRA. *Baixo.*

Paulo!

VIDAL.

Ainda mais. O senhor é ou suppõe-se valente...

Na sua idade é um defeito cccmmum... em que se não repara. Talvez á custa de alguma subscrição, talvez á custa da minha propria bolsa, mandaram-no viajar á Europa e veio de lá, moralista de espada ou de pistola, a querer definir pontos de honra e a solver as difficuldades com um tiro ou uma estocada. Ha de ser isso. Pois meu senhor, declaro-he que está n'outro mundo. que aos meus olhos, como aos olhos de toda a sociedade, o senhor é ridiculo e infame.

PAULO.

Miseravel! Abusas da tua velhice!

VIDAL.

E quanto á senhora, se não se envergonha. não trema. Levantei-a do pó, mas quer voltar á sua origem. Volte. E' logico, é fatal. As mulheres que se deshonram, aviltam-se. Vamos, senhora, por ora, pertence-me ainda.

ELVIRA.

Vamos.

### Scena XVIII.

OS MESMÓS E MAURICIO.

MAURICIO.

Oh!

PAULO. *Querendo acompanhar Vidal.*

Um insulto á essa mulher, velho cynico, é a tua ruina. Eu a acompaño, minha senhora.

VIDAL.

Vamos, senhora, que não quero arrastá-la.

MAURICIO.

Meu amigo, acalme-se. Elle está em seu direito.]

PAULO.

Mas hei de segui-lo.

MAURICIO.

E' uma imprudencia, um escandalo e um attentado.

PAULO.

Tens razão; posso compromette-la.

MAURICIO.

Afinal, é seu marido.

PAULO.

E', mas tudo isso não evita que eu vá busca-lo, provoca-lo, esbofetea-lo publicamente.

MAURICIO.

Não faça isso, meu amigo, porque póde ter funestas consequencias,

PAULO.

Nenhuma assusta ao meu desespero.

MAURICIO.

Mas digo-lhe eu que é uma loucura! Os resultados hão de ser atrozes, incalculaveis! Não imagina!

PAULO.

Quaes? Um duello, uma lucta de morte? Tanto melhor.

MAURICIO.

Não: não é capaz disso: mas avalia a offensa em dous ou trez contos de réis, toma testemunhas e pede reparação do damno.

PAULO.

Então, é sempre um miserável!

MAURICIO.

Não, senhor, é sempre um capitalista.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

# OS MINEIROS

DA

## DESGRAÇA

---

### ACTO IV

Escritorio em casa de Vidal. Vêm-se pendurados varios objectos, como joias, relógios. etc. etc.



#### **Scena I.**

VIDAL. (86).

Aquelle rapaz é decididamente meu inimigo. Nunca o vi, nunca nos encontramos, donde ; pois, surgiu elle e de que origens traz o rancor que me vota ? E' singular ! Nunca lhe emprestei dinheiro.... ah ! ha de ser isto: nunca lhe emprestei dinheiro. Ouro ! ouro ! ouro ! tu és o soberano do mundo ! o autor das alianças que perduram e dos odios que se não estinguem ! No entanto, deve acautelar-me. Esta mulher não me serve mais. Desceu o primeiro degráo da honra e pará chegar ao fim da escada, saltará os que faltam, tres a tres. E' a regra. (*Indo á porta.*) Senhora ! senhora !

**Scena II.**

VIDAL E ELVIRA.

ELVIRA.

Chamou-me ?

VIDAL.

Sim, senhora.

ELVIRA.

Aqui estou.

VIDAL.

Onde poz as joias de que se servio hontem no baile ?

ELVIRA.

Em meu quarto.

VIDAL.

Não é lá o seu lugar : sabe disto.

ELVIRA.

Eu pensei que não fazia mal.

VIDAL.

Devia saber o contrario. São joias que lhe não pertencem ; que estão aqui em deposito ; de que lhe faço emprestimo e que m'as deve restituir immediatamente. Não hei de prejudicar os seus possuidores para servi-la.

ELVIRA.

Posso ir busca-las.

VIDAL.

Ha de ir: Mas antes, tenho uma proposta a fazer-lhe. Qual é o recolhimento de sua escolha para habitar nelle ?

ELVIRA.

Um recolhimento ? O que me aceite com meu filho.



VIDAL.

Com seu filho! A senhora está louca.

ELVIRA.

Porque? Pretende separar-me delle?

VIDAL.

Já está isso resolvido.

ELVIRA.

Mas, não póde ser. Sabe que é a unica affeição que eu tenho por mim neste mundo!

VIDAL.

Não lhe pergunto, por isso. Quero dar-lhe um estado que não merece. Faça-lhe um dote de 500\$ rs. Para o que me trouxe, é demais. Sabe que seu pai morreu rico.... de dividas.

ELVIRA.

E' exacto: morreu pobre, mas honrado. Pelo que eu valho, não precisa lançar-m'o em rosto, sei que nada valho! Se a minha virgindade e a minha virtude podiam valer outr'ora essa miseravel quantia, no leilão da sua consciencia que mais póde valer o esqueleto da victima sacrificada aos seus caprichos?

VIDAL.

Senhora!

ELVIRA.

Eu estou disposta a tudo, por que a tudo estou sujeita. Ah! não é uma decepção que me amargura; eu contava com este desenlace. Chega apenas mais tarde do que eu o esperava. Sabe que eu sou resignada!

VIDAL.

Não precisa resignar-se, basta que obedeça.

ELVIRA.

E que mais tenho eu feito ha tantos annos? Não foi a obediencia,

oh ! mais do que isso, o que me arrastou ao seu poder ? Não foi ainda a obediencia ao meu dever o que me conservou, o que me conserva a seu lado ? Filha, esposa e mãe, o que é a vida da mulher mais do que uma obediencia eterna ! Mas o que a filha pôde soffrer ; o que a esposa soube supportar, não pôde nem o quer admittir a mãe afflicta e ameaçada no que ella tem de mais caro ! Torture-me, embora, mais deixe-me aquella creança ! E' mais do que uma companhia amorosa, é a tranquillidade da minha consciencia, o unico allivio a que pôde aspirar minh'alma !

VIDAL.

Não pôde ser. Tenho melhor destino a dar-lhe. Elle está crescendo ; ha de fazer-se homem e preciso arranja-lo. Ha de aju dar-me nos negocios ; acompanhar-me no trabalho e adquirir e augmentar a riqueza que lhe proporcione.

ELVIRA.

Como quer que eu lhe supplice ? Vamos ; tenha para com a mulher que nunca lhe mereceu cousa alguma, a primeira e a ultima condescendencia. Estou prompta para todos os sacrificios, menos esse !

VIDAL.

Veremos ; em todo o caso é bom que prepare o coração. (*Batem o porta.*) Retire-se ; chama-la-hei dentro de pouco.

### Scena III.

VIDAL E VENANCIO. *Que entra carregando varias joias, correntes, e embrulhos de roupa, etc.*

VENANCIO.

Aqui vem Cesar com os seus despojos. Uff ! que a maçada foi tremenda !

VIDAL.

O que se fez, Venancio ?

VENANCIO.

Tudo o que se pôde. Nada, o negocio assim, não vai bem. Muito acusta trabalh'r-se tanto com tão pouco lucro.

VIDAL.

Cobrade os alugueis das nossas casas?

VENANCIO.

Eu sei lá se cobrei, não os perdemos de todo ; isso não. Mas o negocio assim não vai bem. Ora, alugar-se casas a pobres ! Por mim, punha-os todos no meio da rua. Na praia de Santa Luzia, ha ou dizem que ha, um asylo de mendigos, e como quem é pobre não deve ter vicios, deixem-se os taes de querer casas que não podem pagar.

VIDAL.

Venancio ! E' preciso mais tino. Estás fallando como um rabula. Não me espantes a pobreza. Sabes que é a nossa familia e lembra-te que se não fosse ella, não seriamos nada. Segue a regra que te indico. E' segura. Nunca se perde e sempre se mantem a gente em boa popularidade. Cobra, mas com geito. A um bom cobrador não ha dividas eternas. Quem não tem hoje, póde ter amanhã. Quem não possui dinheiro, tem talvez joias ; quem não tem joias, póde ter trastes ; quem nada possui, sempre ha de ter alguma cousa e em dinheiro, bens, joias ou roupas, todas as contas se saldám.

VENANCIO.

Sim, mas dá isso muito trabalho e o premio é insignificante.

VIDAL.

Não importá ; cobra sempre que serás pago. Isto é até da Escrip-tura ; trabalha, disse Deos, que eu te ajudarei.

VENANCIO.

Palavra de honra, acho aquelle outro negocio muito melhor.

VIDAL.

E', porém, mais arriscado. Qualquer descuido ou indiscrição póde perder-nos. A proposito, tratou daquelle arranjo que lhe incumbi?

VENANCIO.

Tratei e parece-me que achamos o homem que nos serve.

VIDAL.

Quem é elle ?

VENANCIO.

Um homem dos diabos que sabe mais do que um vigário e falla mais do que um advogado. Que homem ! meu amigo ! que talento ! Eu estou convencido de que elle vai arrasar tudo. E' destemido ; não tem papas na lingua, pão pão, queijo queijo, emfim, é o homem. Demais, além de que elle tem birra aos taes senhores, possui uma boa qualidade para o que nós queremos, é pobre e precisa dinheiro.

VIDAL.

Mas como se chama ?

VENANCIO.

Mauricio.

VIDAL.

Mauricio ! E elle aceitou, oh ! oh ! Sr. Venancio, não fosse commetter alguma leviandade ? !

VENANCIO.

Qual leviandade, meu amigo, eu conheço os homens.

VIDAL.

Mas deu-lhe a entender alguma cousa ?

VENANCIO.

Dei-lhe a entender tudo, pouco mais ou menos e elle não deve tardar.

VIDAL.

Realizaremos, portanto, a nossa empreza. O governo está zombando. Não quer fazer connosco o contrato para os saques, mas hei de ensina-lo. Preciso de um jornal, Venancio, um grande jornal. A imprensa é uma cousa extraordinaria. O que ella diz tem o valor da mentira que se repete muitas vezes, e que é afinal acreditada por todos como a verdade. Além de que é uma arma terrivel. Servir-nos-ha para tudo. Por exemplo, a nossa causa está se demorando na

relação. Os juizes estão inflexiveis e teimam em achar razão nos adversarios. Elles com razão ! Esses homens não têm tino. Vivem na pobreza, o estado não lhes paga bem e affastam, com seus caprichos, a protecção dos homens como eu ! Nescios. Acharem razão emquem só pôde pagar-lhes menos !

VENANCIO.

O que diz é certo. Acho boa a especulação. Hão de respeitar-nos mais para o futuro.

VIDAL.

De certo que somos pessoas de consideração, e não nem digamos a vida. Estou resolvido, Venancio, hei de me fazer temido.

VENANCIO.

O que é prudente, é pormos desde já em ordem os papeis recebidos pelo ultimo paquete. O negocio é delicado.

VIDAL.

Tem razão. Vou busca-los ao meu quarto. *Sahe.*

### **Scena IV.**

VENANCIO. *Só.*

Resta-me fazer o assento destas cousas. Irra ! que veio muita cousa ruim,

UMA MULHER.

Dá licença, senhor ?

VENANCIO.

Entre quem é.

A MULHER.

E' aqui o escriptorio do Sr. Vidal e C. ?

VENANCIO.

E' aqui mesmo, minha filha ; quer alguma cousa ?

A MULHER.

Sim senhor ; desejava alugar a casinha da rua do S. Jorge.

VENANCIO.

Já vio a casa ?

A MULHER.

Sim, senhor.

VENANCIO.

Agradou-lhe.

A MULHER.

Muito, senhor ; está que parece nova. E o aluguel ?

VENANCIO.

São trinta mil réis por mez pagos adiantados e dando fiador.

A MULHER.

E não podia ser mais barata ?

VENANCIO.

Oh ! filha, pois acha cara uma casa, novinha, acaba-la de concertar. Boa está ella de mais. Olhe, quer saber porque eu tenho escrupulo em aluga-la ? Eu lhe digo. A casinha está pintada de novo. Eu gosto de servir bem. Os quartos estão caiados e a cozinha foi ladrilhada, á pouco. Você, por exemplo, aluga a casa ; vai, arruma os seus trastes ; e o seu escravo na cozinha vai rachar lenha no ladrilho, quebra-me os tijolos e ahi temos um prejuizo não pequeno.

A MULHER.

Ah ! senhor, se é só por isso, póde alugar-me a casa. Sou pobre e sem companhia ; não tenho nem criado nem escravo.

VENANCIO.

Oh ! pois você não tem um molequinho ao menos ?

A MULHER.

Nada, senhor.

VENANCIO.

Então, minha filha, á vista disso, sinto muito, mas você não pôde alugar a casa. Não lhe serve, é muito cara, Você não a pôde pagar e depois, como não tem um escravosinho sequer.... entende o que eu quero dizer, não é verdade ?

A MULHER.

Entendo, sim senhor : obrigada.

VENANCIO.

Não tem de que. (*Sahe a mulher.*)

VENANCIO.

E esta ! (*Batem*). Temos outra maçada.

UM SUGEITO.

O Sr. Venancio está em casa ?

VENANCIO.

Um seu criado.

O SUGEITO.

Trago um objecto em penhor e necessito dinheiro.

VENANCIO.

Estou ás suas ordens.

O SUGEITO.

E' este relógio que trago.

VENANCIO.

V. S. não leve a mal a minha pergunta. Mas este relógio é mesmo de V. S. ?

O SUGEITO.

Eu não sou ladrão, senhor.

VENANCIO.

Nem eu disse isto, perdoe-me. Desejava saber se V. S. era o possuidor ou o portador.

O SUGEITO.

Son o possuidor e só um apuro me traria aqui.

VENANCIO.

E' uma bella peça! Vai V. S. ter por ella o que não alcança em parte alguma. Nós aqui fazemos negocio, mas não fintamos aos freguezes. Bella corrento e boa pancada! Sabe o senhor quanto vale esta joia? Vale 35\$.

O SUGEITO.

Sómente?

VENANCIO.

E o senhor acha pouco! Além de que, tanto melhor. Quanto mais baixo o valor, mais depressa póde o senhor vir busca-la.

O SUGEITO.

Dê-me o dinheiro, senhor, porque o preciso.

VENANCIO.

Aqui está. A cautela vai por um mez e descontado o juro, aqui tem o senhor 30\$.

O SUGEITO.

Obrigado, senhor.

VENANCIO.

Sempre ás suas ordens. Sem mais... *(Sabe o sujeito)*. Nada; é muito trabalho para tão pouco lucro.

### Scena V.

OS MESMOS E MAURICIO.

MAURICIO.

Oh! Sr. Venancio!



VENANCIO.

Sr. Mauricio, queira entrar ; queira sentar-se.

MAURICIO.

Já vê que sou pontual.

VENANCIO.

Eu já sabia. Olhe, Sr. Mauricio, o senhor era um homem digno de entrar para o commercio.

MAURICIO.

Sim ! porque ?

VENANCIO.

Porque o senhor tem todas as qualidades proprias. Foi uma pena ; Talento, pontualidade, etc., etc.

MAURICIO.

Falta-me uma, Sr. Venancio, a principal ?

VENANCIO.

E qual é ella ?

MAURICIO.

A esperteza.

VENANCIO.

Oh ! oh !...

MAURICIO.

O Sr. Vidal demora-se muito ?

VENANCIO.

Não póde tardar.

MAURICIO.

Já lhe deu a minha resposta ?

VENANCIO.

Promptamente,

MAURICIO.

E o que disse elle ?

VENANCIO.

Ficou encantado. Ah! Sr. Mauricio, vai o senhor fazer um negocio da China ; dentro de poucos mezos pôde fundar um banco.

MAURICIO.

Pôde ser ; mas parece-me que chegarei antes a fazer cadeiras, como marceneiro, do que a fundar um banco.

VENANCIO.

Sempre gracojador ! Sempre espirituoso ! Se o senhor soubesse como eu o estimo !

MAURICIO.

Muito obrigado ; tenho provas disso.

VENANCIO.

Não pense que nos faltaram pretendentes para o negocio.

MAURICIO.

Longe de mim tal supposição. Ao contrario.

VENANCIO.

Mas a minha sympathia pelo senhor prevaleceu. As preferencias são para os amigos.

MAURICIO.

O senhor é um grande homem, Sr. Venancio.

## **Scena VI.**

OS MESMOS E VIDAL.

VIDAL.

O Sr. Mauricio ?

MAURICIO.

Sempre um seu criado.

VIDAL.

Meu amo, senhor... queira sentar-se.

MAURICIO.

Estou ás suas ordens.

VIDAL.

Já sabe o que pretendemos?

MAURICIO.

Totalmente, ainda não.

VENANCIO.

E' verdade; não tivemos tempo para conversar.

VIDAL.

Quero estabelecer uma typographia e fundar um jornal.

MAURICIO.

Magnanima idéa! Progressista! Civilisadora!

VENANCIO.

E util.

VIDAL.

Soberba para o que eu quero. E' um golpe de mestre.

MAURICIO.

Uma inspiração patriótica, Sr. Vidal!

VENANCIO.

E desinteressada.

VIDAL.

O senhor é da opposição?

MAURICIO.

Com toda a certeza.

VIDAL.

Magnifico! E' da minha opiniao. Vamos, pois, fazer prevalecer os nossos principios. O governo vai mal, não acha?

MAURICIO.

Eu assim o penso e já o tenho dito.

VENANCIO.

Vê como pensamos bem? O Sr. Mauricio é do nosso credo.

VIDAL.

Muito mal! muito mal! O paiz está se arruinando. E demais, não vê o senhor a maneira por que o governo desconsidera caracteres respeitaveis? O modo por que offende o commercio?

MAURICIO.

Qual é então o plano?

VIDAL.

O plano é o seguinte. O senhor será o redactor da folha e esta atacará o governo por todas as fórmas.

VENANCIO.

Muito bem.

MAURICIO.

Estamos de accordo.

VIDAL.

Cumpre desmoralisar os ministros. Eu dou-lhe os dados. De um dirá o senhor que deve tantos e quantos a este e áquelle. De outro dirá que vende os despachos, que descobre a corôa. De outro, dirá que negocia clandestina e fraudulentamente os saques para Londres. Emfim, atacar as pessoas dos ministros, todos os dias, por todas as fórmas.

MAURICIO.

E os nossos principios? O bem social? O progresso do povo?

VIDAL.

Pois o senhor não vê que tudo isto virá depois?

MAURICIO.

Ah! depois?

VENANCIO.

Isso é seguro; o ministerio cahe; sahem um e entram outros...

VIDAL.

Outros que sejam amigos e então exigiremos destes tudo o que nos approuver. Não ha ministro que regeite o auxilio de um jornal.

MAURICIO.

Bem, atacamos as pessoas pela diffamação. Isto quer dizer que elles estão perdidos, porque em nosso paiz a calumnia que teima, vence. E quanto ás doutrinas sociaes?

VENANCIO.

Sim, quanto ás doutrinas...

VIDAL.

Quanto ao mais, nós nos arranjaremos. Por exemplo, o governo offereceu-me um negocio. Recusei-o, por ser uma operação ruinosa para o Estado. A minha honra e os meus principios repugnaram. Não quiz fazer os saques para Londres. Havemos de atacar o ministro por este motivo. Depois, reclamaremos do governo que acabe com essas cazinhas de industria que ahi andam a embaraçar o grande commercio, as grandes transacções. Pediremos, para um amigo nosso, o privilegio da estrada de ferro que se vai construir. Insistiremos pela demissão de certos juizes, cujos nomes lhe darei e occupar-nos-hemos de outros assumptos. Não se importe com as despezas. Correm por minha conta.

VENANCIO.

Não acha o programma excellente?

MAURICIO.

Maravilhoso!

VIDAL.

Ha de fazer effeito, não acha?

MAURICIO.

Se acho! O senhor conhece o paiz em que vive, Sr. Vidal! E', sem o pretender talvez, um estadista consummado!

VIDAL.

Oh! ora! ora!

VENANCIO.

Eu não lhe disse?

MAURICIO.

Não é favor, não, é justiça. Ambos têm um lance de olhos politico, extenso e profundo! Pois olhem, apesar disso, acho que o plano deve de ser modificado.

VIDAL.

Como?

MAURICIO.

Do seguinte modo :—A imprensa é uma cousa santa! O jornalista é ou deve ser um homem de bem. Sua missão é nobre; sua responsabilidade immensa! Nas mãos de um cavalheiro, a imprensa chama-se uma espada; nas de um bandido chama-se um punhal. Um defende a justiça, o direito, o progresso, a segurança publica, a honra nacional. O outro especula, assassina para roubar, fere para vingar-se, combate por um lucro, arruina a patria e desmoralisa tudo, corrompe para vencer, abate para fazer-se grande entre as ruinas. Eu sou pela imprensa honesta, por aquella que respeita a sua consciencia e os seus

deveres ; a que engrandece a virtude e debella o crime, a que se bate com desinteresse e põe sua gloria no serviço da justiça e da religião.

VIDAL.

Exactamente como eu penso.

VENANCIO.

Muito bem, muito bem.

MAURICIO. *Ri-se.*

Olhe, Sr. Vidal, nós estamos n'um paiz e n'um tempo em que a imprensa deve ser tudo, porque tudo está por fazer ! O jornal, entre nós, precisa ser sacerdote, quanto á religião ; pai de familia quanto á educação moral ; professor, quanto á instrucção publico ; estadista, quanto á gerencia dos negocios politicos ; general, nas cousas da guerra ; agricultor, industrial, quanto aos melhoramentos materiaes ; juiz severo, nas cousas da magistratura ; e até policia para a descoberta dos criminosos.

VIDAL.

Parece incrível, como sem nos combinarmos, achamo-nos em tal accordo ! O senhor adivinha-me.

VENANCIO.

E' verdade ; é verdade !

MAURICIO.

Tanto melhor. Fundemos o nosso jornal. Clamaremos contra os prevaricadores de todas as classes. Contra os governos corrompidos e corruptores...

VIDAL.

Sim, sim, mas com geito, com prudencia.

MAURICIO.

Com civilidade ; entendido. Contra as autoridades despoticas que opprimem aos cidadãos, fazendo da policia uma inquisição desabusada.

VENANCIO.

Nada, nada contra a policia. Temos amigos e...

VIDAL.

Sim; a policia é uma grande instituição e desde que o chefe fôr amigo dos homens sérios e trabalhadores, deixemos-lhe força para reprimir os valdevinos.

MAURICIO.

Não approvam! Bem; vamos adiante. Contra os juizes, os raros felizmente, que vendem as suas sentenças.

VIDAL.

Perdão. A magistratura é uma classe séria. Alguns juizes, principalmente, conheço eu dignos de todo o respeito. Ha alguns, é verdade, orgulhosos, cheios de si e que desattendem, por exemplo, aos homens como eu. Contra esses, sim, tudo é pouco.

MAURICIO.

Bom; approvedo em parte. Contra os banca-roteiros de toda a especie que roubam aos seus credores, e depois installam-se novamente para fazerem fortuna.

VENANCIO.

Apoiado. O senhor falla como um prégador, Sr. Mauricio!

MAURICIO.

Contra os exploradores das desgraças alheias que dão dinheiro a juros sobre a miseria do proximo, sobre as lagrimas da viuva e sobre os gemidos do orphão.

VIDAL.

Sr. Mauricio, estou a mudar de idéa. Conhece o paiz e a civilização que temos. Um jornal dessa ordem é insustentavel. Basta de programma.

MAURICIO.

Ah! já querem mudar de idéa? Pois não têm razão. Um jornal



assim é que nós precisamos. Que falle com franqueza e energia. Concluirei, pois, o meu programma. E' forçoso que o novo jornal falle de tudo isso e mais ainda, isto aqui em segredo, contra esses ladrões de casaca, esses agiotas infames, usurarios sem alma, avarentos sem pudor, que não contentes de roubarem aos pobres, fazem-se moedeiros falsos e roubam tambem ao Estado, delapidando a fortuna publica.

VIDAL.

Nem tocar neste assumpto, meu amigo! Isso pôde trazer complicações internacionaes e desde que ha negociações pendentes. não convem.... não é ajuizado tocar em questão assim melindrosa.

VENANCIO.

Nada, nada, Sr. Mauricio, isso é muito finó. Vai comprometter a muita gente séria.

MAURICIO.

Já vejo que perdi o meu tempo.

VIDAL.

Não acho o programma dos melhores. Vai acarretar-nos muitos compromettimentos.

VENANCIO.

Horrorosos!

MAURICIO.

O homem honesto e sincero, meus senhores, o que tem a sua consciencia limpa e o seu coração tranquillo não se arreceia de compromettimentos. Vamos; animem-se; preparem-se para serem juizes e não tomem ares de réos.

VIDAL.

Sr. Mauricio, queira desculpar. Foi uma idéa que tive, mas é talvez extemporanea. Não fallemos mais sobre isso. Agora peço-lhe um favor, guarde segredo acerca deste negocio.

VENANCIO.

Sim, sim, o segredo é a alma de todo o negocio!

MAURICIO.

Não tenham receio ; serei um tumulto.

VIDAL.

Mas um favor ; dá-me permissão para fazer-lhe um presente ?

MAURICIO.

Um presente ! Retribuição de que ? De um conselho que não quiz seguir ? De um programma que não quiz accitar ?

### Scena VII.

OS MESMOS E PAULO.

PAULO.

Dão licença ? Meus senhores !

VIDAL.

Que quer o senhor em minha casa ?

PAULO.

Fallar ao Sr. Vidal.

VIDAL.

O senhor é um insolente. Vem assoberbar-me em meu domicilio.

VENANCIO.

Oh ! Sr. Mauricio, este moço não é o seu amigo ?

MAURICIO.

Tanto que lhe vou apertar a mão.

VIDAL.

Terá a bondade de dizer a que vem ? O que deseja ?

PAULO.

Desejo fallar-lhe em particular. Quer ouvir-me ?

VIDAL. *A' parte.*

Um assassinato talvez! (*alto.*) Estou entre amigos, pode fallar sem mysterios.

PAULO.

Perdão. O negocio é grave. Eu sou caixeiro de um correspondente de V. S. e já vê, que...

VIDAL.

De um correspondente meu! Como se chama?

PAULO.

Chama-se.... não tem nome. Assigna apenas uma inicial cortada por tres riscos.

VIDAL.

Ah!

VENANCIO.

Ai!

MAURICIO.

Então que é isso? Ha algum risco nos taes riscos?

VIDAL.

O Sr. Mauricio permite que fiquemos sós, eu e aqui o senhor, para tratarmos de um negocio importante?

MAURICIO.

Com todo o gosto.

PAULO.

Chegou-me agora a vez de impôr condições. Póde fallar diante delle. E' meu amigo e eu não tenho segredos.

VENANCIO.

Perdão. Ha negocios em que..,

PAULO.

Ha negocios em que se não deve intrometter aquelle que não é chamado.

VENANCIO. *Para Mauricio.*

Este seu amigo, Sr. Mauricio, tem uns bofes !

VIDAL.

O senhor é meu inimigo. Eu já o adivinhava. Quer a minha ruina, porque eu sou um obstaculo aos seus designios. Pois bem, asseguro-lhe que não me assustam ameaças mysteriosas. A minha vida e publica ; sou um homem sério.

PAULO.

Um homem sério ! A' semelhança dos bandidos que investem a sacola dos peregrinos para se approximarem cautelosos das victimas que vão prostrar ! Um homem serio ! E são estes os miseraveis que escarnecem da sociedade e vilipendiam tudo o que é nobre e santo !

VIDAL.

O senhor insulta-me !

MAURICIO.

Não senhor ; retrata-o. Fallemos com franqueza, Sr. Vidal. Está fingindo coragem, mas está com medo. E faz mal. A unica impostura, que se não perdôa neste mundo, é a impostura da valentia. Aqui estou eu, por exemplo, que vim á sua casa para ser comprado, porque o senhor teve a generosidade de lembrar-se de mim para uma especulação infame.

VENANCIO.

Com licença, não foi delle a lembrança, foi minha.

MAURICIO.

E' a mesma cousa ; devo o favor a ambos.

PAULO.

Conheci outr'ora, Sr. Vidal, um homem sério da sua raça, que no

dia de uma grande desgraça introduzio-se no seio de uma familia respeitavel, para especular hypocritamente com o infortunio de um velho. Levava nos labios a philantropia e no coração a infamia. Rico, servio-se do seu dinheiro para comprar uma superioridade notavel e uma gratidão sem limites.

VIDAL.

Ah! esta memoria maldita atraçoa-me sem duvida! Será elle?

MAURICIO.

Ouçã, Sr. Venancio, porque a historia parece interessante.

PAULO.

E é. Um usurario sem alma, um ladrão disfarçado estava na casa do velho João Vieira, era este o seu nome, para penhorar-lhe os trastes.

VENANCIO.

E esta!

MAURICIO.

Ouçã, Sr. Venancio, que o caso vai-se complicando.

PAULO.

O homem sério chegou como o anjo protector da familia e da desgraça. Como uma serpente maldita enroscou-se na confiança de todos, para a todos atraçoar. Nessa casa, além do velho, havia um moço que era seu filho pelo coração e uma donzella que era o amor desse mancebo. Uma intriga bem urdida affastou o moço desses dous seres. O pai repellio o filho, o filho desconheceu o pai, a noiva repellio o noivo! No seio daquella ruina commercial, abateu-se tambem em ruinas o templo daquellas affeições puras e sinceras, e d'entre ellas apenas uma figura se levantava, orgulhosa em sua ignominia, espleandida em tanta baixaza, a do homem sério que cubiçava a formosura dessa moça.

VIDAL. *Concentrando.*

Não ha duvida, é elle! Bem; resta-me um recurso.

VENANCIO.

O diabo do homem é magico.

PAULO.

O que se passou, depois, é triste e revoltante! O velho morreu no desespero. O moço desapareceu. E a pobre orphã abandonada, ao desamparo de Deos e dos homens, foi subjugada ao dominio do malvado que assassinou seu pai com desgostos; que a torturou d'ahi por diante, ligando-a ao seu destino pelos laços insolúveis do matrimonio.

MAURICIO.

E o que se passou depois é ainda mais triste e revoltante. O infame, o monstro, sendo rico fez-se poderoso: sendo poderoso fez-se respeitado. A sociedade que olha indifferente para a sobrecasaca rota do empregado que ganha pouco, do artista a quem falta trabalho, do operario que não tem pão, curvou-se ao ouro do agiota e das lagrimas dos orphãos espoliados e dos indiscretos roubados, fez brilhantes para ornar com uma commenda o peito do villão. Eu conheço tambem esse homem sério, eu conheço tambem essa raça de vampiros sociaes para quem o unico Deos é o dinheiro e para os quaes, em vez de desprezo, o mundo tem consideração e distincções. Atrás homens infames! Que esse lugar lhes não pertence, e porque os homens de bem estão á espera de subir.

VIDAL. *Para Paulo.*

O senhor então é...

PAULO.

Sou neste momento o desaffrontador da moral e da justiça.

VIDAL.

E chama-se Paulo, não é exacto?

PAULO.

Chamo-me um homem de bem.

VIDAL. *Baixo.*

Dou-lhe cincoenta contos pelo seu segredo. Veja que é uma fortuna!

PAULO.

Miseravel! Guarda-os para offerece-los á justiça que não tarda.

VIDAL.

Sim!

VENANCIO. *Assustado.*

Então que foi?

PAULO.

Nada; recusei um convite do Sr. Vidal.

VENANCIO.

Ora diga-me, meu caro Sr. Paulo, não podíamos arranjar este negocio amigavelmente? E' uma cousa passada a tanto tempo! E o senhor está bem mudado! (*Durante este tempo Vidal vai á secretaria, tira uma pistola e vem com ella occulta a disparar sobre Paulo. Mauricio finge não perceber-lo e acompanha-o de modo a bater-lhe no braço.*)

MAURICIO.

Assassino!

### Scena VIII.

OS MESMOS E ELVIRA.

ELVIRA.

Que foi, meu Deos! Paulo! Sr. Mauricio!

VIDAL. *Seguro pelos tres.*

Retire-se, senhora.

PAULO. *Adiantando-se.*

Elvira! Deos a protege, porque tem sido virtuosa e honesta.

ELVIRA.

Mas, porque querem fazer mal a meu marido?

PAULO.

Ninguém aqui o quer offender.

VIDAL.

Miseraveis! Abusam da minha velhice e subjugam-me para me roubarem talvez. Infames! Infame, tu mulher, que me arrastas á perdição por tua causa! Infame tu, Venancio, que não sabes defender-me contra os assassinos que me assaltam!

### Scena IX.

OS MESMOS E UM OFFICIAL COM DOUS HOMENS.

O OFFICIAL.

O Sr. Vidal está em casa?

MAURICIO.

Sim, meus senhores, e o Sr. Venancio tambem.

VENANCIO.

Sr. Mauricio, peço-lhe pelo que mais ama neste mundo, que não me comprometta.

MAURICIO.

Meu caro, sabe que estou só no mundo, por ora. O que eu mais amo sobre a terra é o triumpho da hora sobre a infancia.

O OFFICIAL.

Ambos os senhores tenham a bondade de acompanhar-me.

VIDAL.

Vamos, senhores, ha leis neste paiz, ha tribunaes e sirvam os senhores de testemunhas em como estes individuos saltaram-me em meu domicilio para roubar-me.



PAULO.

Antes disso, levem para a policia todos os papeis que encontrarem neste escriptorio.

VIDAL.

Miseraveis ! Até breve ! *Sahem.*

ELVIRA.

Paulo, Sr. Mauricio, em nome de meu filho, salvem-n'ô. Só foi máo para mim, estou em meu direito perdoando-o.

PAULO.

E' nobre o teu sentimento, Elvira ; mas Deos quer que os culpados sejam punidos.

MAURICIO.

Conheço uma familia, minha senhora, onde ha de achar um abrigo tranquillo. Seu marido morreu para a senhora, porque morreu para a sociedade. Não ha impunidades eternas, minha senhora, e a despeito de todas as excepções monstruosas que escandalisam o mundo, creia que Deos ama a virtude e que a moral é a lei suprema das sociedades modernas. Só é grande aquelle que é nobre, e duradouro aquillo que é respeitavel !

FIM,

















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).